

UFAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA

ELYNE GISELLE DE SANTANA LIMA AGUIAR VITÓRIO

TER/HAVER EXISTENCIAIS NA ESCRITA DE ALUNOS DOS ENSINOS
FUNDAMENTAL E MÉDIO DA CIDADE DE MACEIÓ/AL

MACEIÓ-AL
2008

ELYNE GISELLE DE SANTANA LIMA AGUIAR VITÓRIO

TER/HAVER EXISTENCIAIS NA ESCRITA DE ALUNOS DOS ENSINOS
FUNDAMENTAL E MÉDIO DA CIDADE DE MACEIÓ/AL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Linguística, sob orientação do Prof. Dr. Aldir Santos de Paula.

Maceió-AL
2008

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale

V845t Vitório, Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar.
Ter/Haver existenciais na escrita de alunos dos ensinos fundamental e médio da cidade de Maceió/AL / Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitório. – Maceió, 2008.
117 f. : il.

Orientador: Aldir Santos de Paula.
Dissertação (mestrado em Letras e Lingüística : Lingüística) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística. Maceió, 2008.

Bibliografia: f. 111-117.

1. Língua portuguesa – Estudo e ensino. 2. Língua portuguesa – Verbos.
3. Variação lingüística. 3. Língua escrita. 4. Verbos ter/haver existenciais.
I. Título.

CDU: 801.25



UFAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

FACULDADE DE LETRAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA



PPGL

TERMO DE APROVAÇÃO

ELYNE GISELLE DE SANTANA LIMA AGUIAR VITÓRIO

TER/HAVER EXISTENCIAIS NA ESCRITA DE ALUNOS DOS ENSINOS FUNDAMENTAL E MÉDIO DA CIDADE DE MACEIÓ/AL

Dissertação aprovada como requisito para obtenção de grau de Mestre em Lingüística, pelo programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística, da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientador:

Prof. Dr. Aldir Santos de Paula
Universidade Federal de Alagoas – UFAL / FALE

Examinadores:

Prof.ª Dr.ª Núbia Rabelo Bakker Fária
Universidade Federal de Alagoas – UFAL / FALE

Prof.ª Dr.ª Maria Auxiliadora da Silva Cavalcante
Universidade Federal de Alagoas – UFAL / CEDU

Maceió, novembro de 2008.

Aos meus pais José Edson de Lima e Suely de Santana Lima dedico este trabalho.

AGRADECIMENTOS MAIS QUE ESPECIAIS

À toda minha família, em especial:

aos meus pais Edson e Suely, pelo amor incondicional;

ao meu marido Feliciano Marcílio Aguiar Vitória, pelo amor, carinho, compreensão, paciência e incentivo constante;

aos meus irmãos Everthon e David, pela confiança e apoio inestimável;

à minha Voinha, pelo amor e carinho;

à minha tia Maria Joseline, pela amizade e carinho;

à minha cunhada Ariádne Aguiar, pela força e amizade.

AGRADECIMENTO ESPECIAL

Ao Prof. Dr. Aldir Santos de Paula, meu orientador, pelos ensinamentos valiosos, incentivo, dedicação e, sobretudo, pela confiança em mim depositada.

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, pela oportunidade da realização desta pesquisa.

Ao colégio, às professoras e aos alunos, que participaram desta pesquisa, pela grande colaboração na coleta de dados.

Ao CNPq, pelo apoio financeiro.

À Prof^a. Dr^a. Márluce Coan da Universidade Federal do Ceará (UFC), pelo apoio desde o início deste estudo no curso de Especialização em Linguística na UFC.

À Prof^a. Dr^a. Denilda Moura, pelo apoio sociolingüístico e pela grandiosa contribuição nesta pesquisa.

À Prof^a. Dr^a. Januacele Costa, pelas aulas e incentivo à pesquisa.

À Prof^a. Dr^a. Núbia Bakker, pelas valiosas sugestões.

À Prof^a. Dr^a. Auxiladora Cavalcante do CEDU, pelas contribuições.

À amiga Adriana Tibana, pelas horas de estudos e conversas.

Aos amigos do Grupês – Solyane Salgado, Renata Santos, Jeylla Santos e Fernando Oliveira, pelas conversas sociolingüísticas.

Aos amigos de estudos, em especial, Adeilson Sedrins, Gabriela Sóstenes, Antônio Felix, Rafael Lima, Manu Albuquerque, Marcelo Sibaldo, Antônio Cícero, Baua, Aline Vieira, Jair Barbosa e Diogo Cabral pelo apoio amigo.

À Inês Peil, funcionária da Pós, pela atenção e informações.

A todos que me fortaleceram, nesta etapa de muitos afazeres, com um sorriso, uma palavra de confiança, um olhar cúmplice e um abraço carinhoso.

“Um dos corolários de nossa abordagem é que numa língua que serve a uma comunidade complexa (i.e., real), a ausência de heterogeneidade estruturada é que seria disfuncional.”

Weinreich, Labov & Herzog (2006[1968], p. 36)

“Cabe destacar e atribuir à escola um mérito nada desprezível: o de ser responsável por uma parcela relevante da tarefa socializadora que o uso de uma língua nacional, de prestígio, requer. A escola, sozinha, não faz mudança, mas mudança alguma se faz sem o concurso da escola.”

Votre (2003, p. 56)

RESUMO

A presente pesquisa tem como principal objetivo analisar o comportamento variável dos verbos *ter* e *haver existenciais* na língua escrita de alunos dos ensinos fundamental e médio da cidade de Maceió. Para tanto, tomamos como base os pressupostos teóricos da Teoria da Variação Lingüística (LABOV, 1983), que procura investigar, explicar e descrever o grau de variação de elementos lingüísticos variáveis, estabelecendo a relação entre fatores lingüísticos e sociais e o uso da língua. O *corpus* utilizado foi coletado numa escola estadual da rede pública de ensino do estado de Alagoas, localizada na cidade de Maceió e é constituído de 160 produções textuais, estratificadas de acordo com a escolaridade e o sexo dos informantes. Por trabalhar com modelos matemáticos, utilizamos o pacote de programas VARBRUL, responsável pela análise quantitativa dos dados e a partir daí, fizemos a análise lingüística com base em variáveis lingüísticas e sociais, a saber, tema textual, tipo textual, tempo verbal, animacidade do SN objeto, natureza do SN objeto, escolaridade e sexo. De acordo com os resultados obtidos, constatamos não só que há variação *ter* e *haver existenciais* no *corpus* analisado e que o uso de *ter* é bem maior do que o de *haver*, como também que tal variação é condicionada pelos fatores escolaridade e tempo verbal.

PALAVRAS-CHAVE: Língua Portuguesa, variação lingüística, língua escrita, *ter/haver existenciais*

ABSTRACT

This research main goal is to analyze the variable behavior of the Portuguese verbs “*ter*” and “*haver*” existentials in the written language of secondary school children in the city of Maceió. For this purpose, we take as basis the theoretical fundamentals of the Linguistic Variation Theory (LABOV, 1983), that attempts to investigate, explain and describe the degree of variation of the variable linguistic elements, establishing the relationship between linguistic and social factors and language use. The data for this study were collected in a State School of the capital of the state of Alagoas in Brazil. It comprises of 160 textual productions stratified according to informers' schooling. As we were dealing with mathematical methods, the software package VARBRUL was used for quantitative analysis of the data. Thence linguistic analysis was carried out based on linguistic and social variables, namely, textual theme, textual type, verb tense, animacy of the NS object, nature of the NS object, informers' schooling and gender. Based on the results obtained, we found out that not only is there the variation of “*ter/haver*” existentials in the analyzed corpus and that the verb “*ter*” is much more extensively used verb “*haver*”, but also that such variation is conditioned by schooling and verb tense.

KEY WORDS: Portuguese Language, linguistic variation, written language, “*ter/haver*” existentials

LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

TABELAS

Tabela 1: Total de informantes e produções textuais	61
Tabela 2: Total de ocorrências de <i>ter</i> e <i>haver</i> na escrita de alunos dos ensinos fundamental e médio da cidade de Maceió/ AL	84
Tabela 3: Resultados da aplicação de <i>ter/haver existenciais</i> no fator tipo textual	88
Tabela 4: Resultados da aplicação do verbo <i>haver existencial</i> no fator tipo textual	90
Tabela 5: Resultados da aplicação de <i>ter/haver existenciais</i> no fator sexo	91
Tabela 6: Resultados da aplicação do verbo <i>ter existencial</i> no fator sexo	92
Tabela 7: Resultados da aplicação de <i>ter/haver existenciais</i> no fator natureza do SN objeto	93
Tabela 8: Resultados da aplicação do verbo <i>haver existencial</i> no fator natureza do SN objeto	95
Tabela 9: Resultados da aplicação de <i>ter/haver existenciais</i> no fator tema textual	96
Tabela 10: Resultados da aplicação do verbo <i>ter existencial</i> no fator tema textual	97
Tabela 11: Resultados da aplicação de <i>ter/haver existenciais</i> no fator animacidade do SN objeto	98
Tabela 12: Resultados da aplicação do verbo <i>ter existencial</i> no fator animacidade do SN objeto	100
Tabela 13: Resultados da aplicação de <i>ter/haver existenciais</i> no fator escolaridade	102
Tabela 14: Resultados da aplicação de <i>ter existencial</i> no fator escolaridade	102

Tabela 15: Resultados da aplicação de *ter/haver existenciais* no fator tempo verbal 104

Tabela 16: Resultados da aplicação do verbo *ter existencial* no fator tempo verbal 106

GRÁFICOS

Gráfico 1: Total de ocorrências de *ter* e *haver* na escrita de alunos dos ensinos fundamental e médio da cidade de Maceió/ AL 85

Gráfico 2: Resultados da aplicação de *ter/haver existenciais* no fator tipo textual 89

Gráfico 3: Resultados da aplicação de *ter/haver existenciais* no fator sexo 91

Gráfico 4: Resultados da aplicação de *ter/haver existenciais* no fator natureza do SN objeto 94

Gráfico 5: Resultados da aplicação de *ter/haver existenciais* no fator tema textual 97

Gráfico 6: Resultados da aplicação de *ter/haver existenciais* no fator animacidade do SN objeto 99

Gráfico 7: Resultados da aplicação de *ter/haver existenciais* no fator escolaridade 103

Gráfico 8: Resultados da aplicação de *ter/haver existenciais* no fator tempo verbal 105

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1 - Fenômeno em estudo	18
1.1. Ter e haver: descrição histórica	18
1.2. Ter e haver: gramáticas normativas	28
1.3. Ter e haver: estudos variacionistas	33
CAPÍTULO 2 - Referencial teórico	42
2.1. Sociolingüística	42
2.1.1. Teoria da Variação Lingüística	47
CAPÍTULO 3 - Procedimentos metodológicos	55
3.1. Hipóteses e objetivos da pesquisa	55
3.2. Constituição do <i>corpus</i> da pesquisa	57
3.3. Variável dependente e variáveis independentes	62
3.4. VARBRUL: tratamento estatístico	78
CAPÍTULO 4 - Descrição e análise dos dados	83
4.1. Variável dependente	84
4.2. Variáveis estatisticamente não significativas	86
4.3. Variáveis estatisticamente significativas	100
CONCLUSÃO	107
REFERÊNCIAS	114

INTRODUÇÃO

A diversidade lingüística é fato comprovado, porém muitas vezes contestada pelos usuários da língua. Uma concepção de língua em que a heterogeneidade é característica inerente ao sistema e, por conseqüência, parte integrante da competência lingüística dos falantes, considera a variação e a mudança lingüísticas como aspectos fundamentais e reconhece que tanto a fala quanto a escrita são constituídas discursivamente por formas lingüísticas que competem entre si.

É senso comum entre os falantes que a língua falada é desestruturada e informal, enquanto que a língua escrita é de estrutura mais complexa e formal. Esta visão, no entanto, não mostra que tanto a fala quanto a escrita podem apresentar, dependendo do contexto comunicativo, estilos informal, pouco formal e formal. Estilos que evidenciam que a complexidade dos fenômenos lingüísticos vai além do não cumprimento das regras pré-estabelecidas pela tradição gramatical e que a gramática normativa não dá conta da descrição dos diferentes usos da língua.

Tendo em vista que existem diferenças lingüísticas entre as normas estabelecidas pela gramática normativa e os reais usos da língua, e de que a variação lingüística não é aleatória, mas sim condicionada por restrições lingüísticas e sociais, estudamos, nesta dissertação, o comportamento variável dos verbos *ter* e *haver* com sentido de existir na escrita de alunos dos ensinos fundamental e médio da cidade de Maceió, a exemplo de:

(1) *Há* um menino na sala.

(2) *Tem* um menino na sala.

Procuramos utilizar uma abordagem que priorizasse a realidade sociolingüística, captando os verdadeiros usos da língua dentro de seu contexto social. Para tanto, recorreremos à Teoria da Variação Lingüística, proposta por William Labov (1983[1972])¹, que ao se interessar pelo estudo da língua dentro do contexto social da comunidade de fala não só vê a língua como um fator importante na identificação de grupos e na demarcação de diferenças sociais na comunidade, como também sugere um modelo de língua que analisa o uso variável e os condicionamentos lingüísticos e sociais, proporcionando descrições mais adequadas da competência lingüística dos falantes.

Por se tratar de um fenômeno lingüístico não claramente percebido, o uso da variante *ter existencial* em lugar de *haver existencial* para codificar a existência de alguém ou de alguma coisa é pouco discriminado e corrigido nas escolas. Normalmente, variações fonológicas e morfológicas (monotongação e ausência de concordância, por exemplo) tendem a ser bastante salientes e, por isso, monitoradas mais acentuadamente dependendo da situação comunicativa.

O nosso objeto de estudo não parece ser tão marcante em termos de “certo” e “errado”, pois a todo o momento, encontramos indivíduos de todos os níveis de escolarização e de todas as classes sociais fazendo uso de tal variação. No entanto, o uso de *ter existencial* quase não é mencionado nas gramáticas normativas, ou quando mencionado, seu uso é descartado na língua escrita.

Por esta razão, acreditamos que a descrição sociolingüística da variação *ter* e *haver existenciais* na escrita de alunos dos ensinos fundamental e médio da cidade de Maceió não só explicitará como também descreverá o comportamento desses verbos, tendo em vista que pouco se sabe sobre o uso dessas variáveis na modalidade escrita da língua.

A variável em questão é situada no nível morfossintático e fatores de

¹ Neste trabalho, utilizamos a versão espanhola *Modelos Sociolingüísticos* (1983) de Labov (1972) - Sociolinguistic Patterns.

naturezas lingüística e social são controlados como possíveis condicionantes da escolha de uma ou outra forma verbal, a saber, tema textual, tipo textual, tempo verbal, animacidade do SN objeto, natureza do SN objeto, escolaridade e sexo. O fator idade não foi controlado por coincidir com a escolaridade dos informantes.

A amostra desta pesquisa foi coletada numa escola da rede pública de ensino do estado de Alagoas, localizada na cidade de Maceió e é composta de 160 produções textuais, estratificadas de acordo com a escolaridade e o sexo dos informantes.

Nosso trabalho é composto de quatro capítulos, conforme o exposto a seguir.

No primeiro capítulo, descrevemos o percurso histórico-diacrônico dos verbos *ter* e *haver*, mostramos como esses verbos em construções existenciais são abordados por alguns gramáticos normativos, tais como Almeida (1999), Cunha e Cintra (2001), Cegalla (1978), Bechara (2001), Sacconi (2001) e Rocha Lima (2001), e apresentamos uma resenha de estudos variacionistas sobre *ter* e *haver existenciais* em alguns dialetos do Português. Nosso intuito é oferecer uma visão panorâmica do fenômeno em estudo.

No segundo capítulo, apresentamos os pressupostos teóricos da Teoria da Variação Lingüística (LABOV, 1983, 1978, 1996), enfatizando não só a questão da variação sociolingüística, mas também evidenciando aspectos que possibilitem o enquadramento do fenômeno em estudo na Sociolingüística laboviana. Para tanto, discutimos a possibilidade de tratar nosso objeto de estudo como regra variável.

O terceiro capítulo é dedicado aos procedimentos metodológicos da pesquisa, ou seja, aos objetivos e às hipóteses que norteiam nosso trabalho, aos procedimentos de coleta dos dados e à composição destes para efeito de análise através da constituição do *corpus* da pesquisa, às definições da variável

dependente e das variáveis independentes, vistas como possíveis condicionadoras da variação em estudo e à descrição dos passos da análise quantitativa realizada pelo VARBRUL.

No quarto e último capítulo, com o intuito de levantar as motivações que ora propiciam o aparecimento de uma ou outra forma verbal, mostramos os resultados estatísticos obtidos através das rodadas realizadas pelo VARBRUL. Para tanto, apresentamos não só os dados da variável dependente *ter existencial* e *haver existencial*, como também os resultados das variáveis estatisticamente não significativas e das variáveis estatisticamente significativas.

CAPÍTULO 1 – Fenômeno em estudo

Neste capítulo, apresentamos uma breve exposição dos estudos sobre os verbos *ter* e *haver* em sentenças existenciais que, de alguma forma, possam contribuir para um melhor entendimento do comportamento variável desses verbos na escrita de alunos dos ensinos fundamental e médio da cidade de Maceió/AL.

Para tanto, descrevemos o percurso histórico-diacrônico dos verbos *ter* e *haver*, mostramos como os mesmos, em construções existenciais, são abordados na gramática normativa e apresentamos uma resenha dos estudos sobre a variação *ter/haver existenciais* em alguns dialetos do Português, com o intuito de traçar um percurso das pesquisas sociolingüísticas até aqui realizadas, oferecendo, dessa forma, uma visão panorâmica do fenômeno em estudo.

1.1. Ter e haver: descrição histórica

A origem etimológica dos verbos *haver* e *ter* aponta que *haver* é proveniente da forma latina *habere* com acepções de “possuir”, “obter”, “manter”, “reter”, “segurar”, “conter” e “deter”, ao passo que *ter* se origina da forma *tenere* do Latim, com valores próximos a “obter”, “manter”, “segurar”, “conter”, “deter” e “reter”.

Segundo Gaffiot (1934), *habere* possuía como principal acepção os significados de “ter em sua posse”, “guardar” e, entre outros usos figurados, “ter na mão”. *Tenere*, por sua vez, apresentava como acepção básica os sentidos “ter algo na mão”, “obter” e como acepções secundárias “manter” e “reter”.

A história semântica desses verbos indica que desde o Latim Clássico *haver* e *ter* caminham paralelamente e que devido ao esvaziamento semântico do verbo *haver* criou-se progressivamente condições para a substituição de *haver* por *ter*.

Desde o início, percebemos a impossibilidade de se estudar verbo **ter** separado de **haver**, pois desde o latim clássico eram afins em muitos empregos. No português, eles sempre tiveram empregos paralelos e à medida que o verbo **haver** se foi desgastando e esvaziando semanticamente, foi sendo substituído por **ter** (SAMPAIO, 1978, p. 2).

De acordo com Sampaio (1978), do Latim Clássico às Línguas Românicas, *tenere* e *habere* são verbos plenos e *habere* é o verbo empregado com a noção de posse. No entanto, já existe uma concomitância semântica entre esses verbos para expressar claramente a idéia de posse:

(3) “*Tantas divitias habet: nescit quid faciat auro*” (Sic. Plauto, Bacch.1.1.12).^{2 3}

(4) “*tenere auctoritatem in suos.*” Cic.⁴

Nesse período, *habere* também ocorre na conjugação perifrástica e em construções existenciais, não existindo, portanto, evidências de que *tenere* ocorra nesses contextos. Em conjugação perifrástica, a forma flexionada do presente do perfectivo dos verbos transitivos é gradualmente substituída pela perífrase *habere mais participio passado*, dando à sentença um aspecto de dever, obrigação:

2 Exemplos retirados de Sampaio (1978, p. 3).

3 Ele tem tantas riquezas, que não sabe o que fazer com o ouro.

4 Possui autoridade nos seus.

(5) “Qui in sanctis *habet jurare*, hoc jejunus faciat...” (Lib. 1, Capitular. cap. 61).^{5 6}

(6) “Ipse enim, quia aegrotat, *habeo eum visitare*” (Rupertus Abb. in Vita S. Heriberti Archiep. Colon, n.26).^{7 8}

A noção de posse, expressa por *habere*, é muito importante para a compreensão dessa perífrase. Posteriormente, essa idéia de posse dentro da perífrase se generaliza e o verbo *habere*, nesse contexto, torna-se um verbo auxiliar desprovido de conteúdo semântico.

(7) “uir me *habet* pessumis despiciatum modis” (Cas. 189).^{9 10}

Com o sentido de existir, *habere* coocorre com o verbo *esse* que exerce exclusivamente, nesse período, o sentido de verbo existencial. De acordo com Grandgent (1952), no chamado Latim vulgar, *habere*, verbo de posse do Latim padrão, já ocorre com acepção genérica de verbo existencial, o mesmo não sendo atestado para *tenere*.

(8) “*habebat* autem de eo loco ad montem Dei forsitam quattuor milia” ...^{11 12}

No século XIII, início do período arcaico¹³, os verbos *haver* e *ter*, de

5 Sampaio (1978, p. 3).

6 Quem jura nos santos, que faça este jejum...

7 Sampaio (1978, p. 3).

8 Pois ele mesmo, porque está doente, tenho que visitá-lo.

9 Sampaio (1978, p. 4).

10 O homem me tem depreciado com maus modos.

11 Sampaio (1978, p. 5).

12 Havia naquele local junto ao monte de Deus aproximadamente quatro milhas.

13 Mattos e Silva (1994 e 1997) assume que o período arcaico se inicia com os primeiros documentos escritos em português, mais precisamente com o *Testamento de Afonso II* de 1214 e suas características se estendem até meados do século XVI – 1536/1540, datas do início da normatização da língua.

acordo com Sampaio (1978), variam não só em estruturas de posse, mas também em estruturas com *particípio passado*. O verbo *haver* também coocorre com *ser* nas construções existenciais.

Mattos e Silva (1997) aponta que, nas estruturas existenciais, há uma predominância do etimológico *ser* (56%) contra o inovador *haver* (44%), que só predomina nas Cantigas de Santa Maria. Essa preferência representa o caráter mais inovador das Cantigas em relação aos documentos jurídicos que preferem o existencial *ser*.

Em estruturas possessivas, *haver* é o verbo típico mais usual e ocorre com complemento de qualquer valor semântico, ou seja, *haver* é o verbo pleno utilizado para qualquer tipo de posse – de objetos materiais adquiríveis à posse inerente, enquanto que *ter* não preenche todas as possibilidades de expressão de posse.

Mattos e Silva (1997), ao analisar documentos selecionados como representativos do século XIII, mostra que a variação *ter* e *haver* em estruturas possessivas está condicionada à natureza semântica do argumento interno. Em estruturas semanticamente classificadas como posse adquirível material (PAM) e posse adquirível imaterial (PAI), o verbo *ter* ocorre com frequência de 30% e 15%, respectivamente. Já em estruturas do tipo posse inalienável (PI) só há ocorrências do verbo *haver*.

(9) *Haver/Ter* cousas, sedas, panos dourados (PAM).¹⁴

(10) *Haver/Ter* derecho, foro, amor, coita (PAI).

(11) *Haver* entendimento, filio, irmão, nome (PI).

A noção de posse, expressa por esses verbos, é importante para a compreensão do uso de *haver* e *ter* + *particípio passado*. Segundo a autora, os

¹⁴ Exemplos retirados de Mattos e Silva (1997, p. 268).

tempos compostos com *haver* e *ter* só se generalizam quando o particípio passado deixa de ser flexionado em concordância com o complemento direto, caso que ainda não ocorria nesse período, pois *haver* e *ter* ocorrem em concordância com seu complemento, a exemplo de:

(12) *todos bêẽs que mh'á feitos* DSG 4.32.8.¹⁵

(13) *aquelas cousas que ten aparelhadas* DSG 2. 16.26

Dessa forma, o auxiliar de tempo composto com *haver* e *ter* só ocorre por volta do século XIV, em que tanto as estruturas com particípio passado quanto as construções auxiliares estão presentes na língua. Nessas estruturas, há variação entre os verbos *haver* e *ter*. Contudo, Mattos e Silva (1991) aponta que não se pode afirmar ainda que *ter* predomina sobre *haver*, mas sim que as ocorrências de *ter* crescem em relação às ocorrências de *haver*.

Nesse período, o verbo *haver* ainda continua gozando de mais preferência que *ter* em expressões de posse, embora estivesse perdendo a sua força expressiva e em construções existenciais é bastante freqüente, a exemplo de:

(14) “E na altura dos montes de Judea *avia* hũu monte pequeno mais alto que os outros, que *avia* nome monte Maria”,...¹⁶

Do século XIV para o século XV, Mattos e Silva (2000) não só aponta que em construções existenciais o verbo *haver* já apresenta maior número de ocorrências do que o verbo *ser*, como também mostra que o verbo *ter* só varia com *haver* em estruturas possessivas quando a coisa possuída apresenta valor

¹⁵ Exemplos retirados de Mattos e Silva (1991, p. 67).

¹⁶ Sampaio (1978, p. 13).

semântico de posse adquirível material e, menos freqüentemente, em contextos do tipo posse adquirível imaterial.

Na primeira metade do século XV, *ter* já ocorre nos três tipos de posse, sendo *haver* o verbo mais freqüente. No entanto, na segunda metade deste século, já se evidencia o recesso de *haver* e o avanço de *ter*. Há também, neste período, uma preferência acentuada pelo verbo *ter* não só na perífrase com particípio passado, mas também nas construções auxiliares de tempo composto:

(15) “Eu *tinha as cartas escritas* quando ele chegou.”¹⁷

(16) “Eu *tinha escrito* as cartas quando ele chegou.”

Ao analisar a *Obra Pedagógica* (1540) de João de Barros, documento representativo dos finais do período arcaico e início dos tempos modernos – século XVI, Mattos e Silva (2000) mostra que há uma preferência de *ter* sobre *haver* em estruturas possessivas. E na segunda metade desse período, *ter* suplanta *haver* em todos os contextos de posse: primeiro a posse de propriedades materiais, segundo a posse de propriedades imateriais e, por fim, a posse de propriedades inerentes.

Nesse contexto, a autora considera que a variação na seleção de *haver* e *ter* estava condicionada à natureza do complemento do verbo, que podia ser expresso por qualidades inerentes (características do possuidor ou estados físicos), qualidades adquiríveis imateriais (morais, espirituais, afetivas, sociais) e objetos materiais adquiríveis (externos ao possuidor).

De acordo com Sampaio (1978), nesse período, o verbo *ter* predomina sobre *haver* na formação dos tempos compostos e embora o particípio apareça, na maioria dos casos, sem flexão, ainda é possível encontrar ocorrências em que o particípio aparece flexionado:

¹⁷ Mattos e Silva (1991, p. 69)

(17) “A idéia segundo Platão...em seu entendimento estava uma figura de formosura perfeitissima, a qual elle contemplando, e *tendo* nela *fitos* os olhos de sua mente...”.¹⁸

É também no século XVI que o verbo *ter* invade a esfera da oração existencial que era privativa do verbo *haver*.

(18) “Na frontaria deste patio, onde estava a escada por onde subião para cima *tinha* hum grande arco lavrado...” (v. II, pág. 45).¹⁹

(19) “Aquy me mostrou hũ oratorio em que *tinha* hũa Cruz de pãp dourada,... (v. III, pág. 82).

Sampaio (1978) explica que tal invasão é justificada não só pela perda da força expressiva do verbo *haver* ao longo do tempo e pela semelhança semântica entre os dois verbos, como também pelo fato de *haver* confundir-se foneticamente no presente do indicativo com artigo “a” e no perfeito com o verbo “ouvir”.

No século XVI [...] o verbo **haver** tinha perdido muito do seu sentido possessivo, sendo substituído por **ter** para indicar a posse de coisas materiais. A língua também preferiu o verbo **ter** para formar os tempos compostos; são cada vez mais raras as perífrases formadas com **ter** e particípio, indicando a posse e permanência de um estado. O processo de esvaziamento semântico de **haver** que se completou no século XVI, criou condições para que o verbo **ter** invadisse a esfera da oração existencial, que era privativa de **haver** (SAMPAIO, 1978, p. 20).

Apesar de não haver informações precisas sobre as primeiras ocorrências de *ter existencial*, Ribeiro (1993, p. 373) observou a coocorrência de algumas construções existenciais no *Índice Analítico do Vocabulário de Os*

¹⁸ Sampaio (1978, p. 19)

¹⁹ Exemplos retirados de Sampaio (1978, p. 21).

Lusíadas, de Luís de Camões, a exemplo de:

(20)e assim caminha

Para a povoação, que perto *tinha* (Lus. V, 29)

Que aqui gente de Cristo não *havia* (Lus. I, 102)

Na análise da *Obra Pedagógica* de João de Barros e no exame das *Décadas* (século XVI), Mattos e Silva (2000) mostra que o verbo *haver existencial* é o preferível seguido do etimológico *ser*, que ocorre com baixa freqüência e do inovador *ter* que aponta com apenas quatro ocorrências.

(21) “Concertou-se com infante dom Anrique sobre o que nellas [nas ilhas] *tinha*, e elle passouse a ilha de Madeira onde assentou sua uiuenda” (Déc I, 31, 5).²⁰

A autora também cita que, na análise da *Carta de Caminha* (1500), o verbo *haver* é o escolhido em contextos existenciais, mas há uma ocorrência em que o verbo *ter* pode ser interpretado com sentido de existir, sem excluir, portanto, uma interpretação possessiva, a saber:

(22) “... se metiam em almadias duas ou tres que hy *tiinham*” (CPVC–fol. 5, 31-32).²¹

Nos séculos XVII e XVIII, *ter* supera *haver* nas construções possessivas e nas estruturas de tempo composto continua predominando sobre *haver*. Já nas construções existenciais o verbo *ter* é pouco usado, pois *haver* é o verbo preferível

²⁰ Mattos e Silva (2000, p. 119)

²¹ Mattos e Silva (2000, p. 119)

nesses contextos.

(23) “Além destes soldados e capitães *havia* outros, no recôncavo da cidade,...” (Vieira, op. cit., pág. 21).²²

No século XIX, segundo Sampaio (1978), são escassas as ocorrências de *haver* em estruturas possessivas e o verbo *ter* continua predominando sobre *haver* na formação dos tempos compostos. Nas orações existenciais, o verbo *ter* continua a aparecer em textos literários, mas é o verbo *haver* que predomina.

A autora explica que a parcimônia com que o verbo *ter existencial* aparece na língua escrita é indicativo de que tal verbo seja ainda da esfera da língua falada, ocorrendo, principalmente, em cantos populares do Brasil, a exemplo de:

(24) “Lá detrás d'aquelle serro

Tem um pé de lírio só,

Faço carinhos a todos,

Mas só quero bem a ti só” (v. II, pág. 30)

(25) “Fui ao mar buscar laranjas,

Frutas que no mar não *tem*;

Vim de lá todo molhado,

Das ondas que vão e vem.” (v. II, pág. 73)²³

Callou e Avelar (2002), ao analisarem estruturas com *ter* e *haver* em anúncios do século XIX, mostram que as estruturas existenciais são as mais resistentes à penetração de *ter* no campo de *haver*. *Ter existencial* ocorre com 22%

²² Sampaio (1978, p. 23)

²³ Sampaio (1978, p. 27)

versus 78% de *haver*, diferentemente das estruturas de posse e estruturas com particípio passado em que o verbo *ter* ocorre em 98% e 93%, respectivamente.

No século XX, *haver* praticamente não é usado em estruturas de tempo composto e em construções existenciais coocorre com *ter*, que é usado não só na língua falada, como também é visível seu uso na língua escrita:

- (26) “Aqui *tem* um anjo
que se chama Arranjo.” (Cassiano Ricardo)
- (27) “Em Pasárgada *tem* de tudo
É outra civilização
Tem um processo seguro [...]” (Manuel Bandeira)
- (28) “[...] já estou até cansado de tanta
saúde e *tem* gente aqui perto e [...]” (Vinícios de Moraes)
- (29) “No meio do caminho *tinha* uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho [...]” (C. Drummond)

É nesse período que se completa o processo de esvaziamento semântico do verbo *haver*, que é usado preferencialmente em construções existenciais na modalidade escrita da língua. O verbo *ter*, por sua vez, predomina na formação dos tempos compostos e na língua falada é bastante usado em contextos existenciais.

No português falado do Brasil, o verbo *ter* configura-se como uma forma plena em estruturas de posse, substitui *haver* nos tempos compostos e coocorre com *haver* nas estruturas existenciais. No entanto, muitos estudos acerca dessa ocorrência vêm se desenvolvendo e comprovando que há um predomínio de *ter* sobre *haver* nas estruturas existenciais (SILVA, 2004, p. 222).²⁴

²⁴ As citações sobre Português do Brasil neste trabalho não configuram concordância ou oposição com quaisquer das teorias que remetam às discussões sobre Português brasileiro (PB) e Português europeu (PE).

Nesse contexto, é possível perceber que, desde o Latim Clássico, os verbos *ter* e *haver* caminham paralelamente e que devido à perda da força expressiva do verbo *haver* a língua recorre ao verbo *ter*, que gradualmente foi substituindo *haver* em estruturas de posse e em construções de tempos compostos, e atualmente coocorre com *haver* em estruturas existenciais.

1.2. Ter e haver: gramáticas normativas

É sabido que o termo gramática possui várias acepções dentre as quais está a de gramática normativa, que é vista como um manual que contém as regras de bom uso da língua a serem seguidas por todos aqueles que desejam se expressar “corretamente”, ou seja, é um conjunto de normas para falar e escrever bem.

A **gramática normativa**, que é aquela que estuda apenas os fatos da língua padrão, da norma culta de uma língua, norma essa que se tornou oficial. Baseia-se, em geral, mais nos fatos da língua escrita e dá pouca importância à variedade oral da norma culta, que é vista, conscientemente ou não, como idêntica à escrita. [...] a gramática normativa apresenta e dita normas de bem falar e escrever, normas para a **correta** utilização oral e escrita do idioma, prescreve o que se deve e o que não se deve usar na língua. Essa gramática considera apenas uma variedade da língua como válida, como sendo a língua verdadeira (TRAVAGLIA, 2003, p. 30).

A gramática, dessa forma, é entendida como uma espécie de lei que regula os usos da língua em uma sociedade, pois apenas descreve o que pode e que não pode ser dito pelos falantes. A descrição da língua feita nessas gramáticas é baseada no uso consagrado pelos bons escritores, ignorando assim características de uso da fala e da escrita, que, dependendo da situação de comunicação, pode ser mais ou menos informal, ou mais ou menos formal.

Nesse contexto, a língua é descrita na variedade dita culta e todas as

outras formas de uso da língua são consideradas desvios, deformações e degenerações da língua, sendo, portanto, a variedade padrão o modelo a ser seguido por todos os falantes.

Essa postura, baseada numa concepção homogênea de língua, leva não só a sociedade, mas também as instituições de ensino ao mito da unidade lingüística (BAGNO, 2002), ou seja, ao desprezo de qualquer fala e escrita que fuja ao Português dito padrão e à aceitação de uma única forma de falar e escrever a Língua Portuguesa, ignorando, assim, a diversidade lingüística.

No que diz respeito ao comportamento variável dos verbos *ter* e *haver* em construções existenciais, percebemos que, de forma geral e na visão de alguns gramáticos, como Almeida (1999), Cunha e Cintra (2001), Cegalla (1978), Bechara (2001), Sacconi (2001) e Rocha Lima (2001), tal comportamento é uma incorreção na língua culta, sendo o verbo *haver*, na acepção de existir, o padrão de referência de uso “correto” da língua.

De acordo com esses gramáticos, o verbo *haver* em orações equivalentes às constituídas com *existir*, ou seja, seguido de objeto direto e significando a existência de uma pessoa ou coisa comporta-se como um verbo impessoal e, por isso, deve sempre ser empregado na terceira pessoa do singular, a exemplo de:

(30) *Há* um homem na sala.²⁵

(31) *Há* grandes poetas no Brasil.

(32) *Havia* muitos prédios elegantes na cidade.

Segundo Almeida (1999, p. 241), os verbos *ter* e *haver* podem ter significados próprio, especial e podem ser vazios de sentido, ou seja, podem ser utilizados com a significação de *possuir*, com as significações especiais de *obter* e

²⁵ Exemplos criados para ilustrar o fenômeno em estudo.

alcançar e podem se comportar como verbos auxiliares, desprovidos de significado.

O verbo *haver* ainda pode ser empregado com a significação de existir e com tal significado *haver* é classificado como um verbo impessoal accidental ativo usado apenas na terceira pessoa do singular.

Ao lado dos verbos impessoais essenciais há os **impessoais accidentais**; assim se denominam os verbos que, em sua significação natural, isto é, como comumente são usados, têm sempre o respectivo sujeito, mas que, em determinados casos, ou seja, *acidentalmente*, tornam-se impessoais. Há dos verbos impessoais accidentais dois grupos: impessoais accidentais *ativos* e impessoais accidentais *passivos*. Sabemos que verbo ativo é o que indica ação praticada pelo sujeito, o qual ou vem declarado na oração ou facilmente se subentende. Pois bem, se tivermos numa oração um verbo ativo cujo sujeito, além de não vir expresso, não é subentendido nem necessita ser conhecido, esse verbo será *impessoal accidental ativo* (ALMEIDA, 1999, p. 284).

Sacconi (2001, p. 335) classifica o verbo *haver* quando sinônimo de existir como impessoal, ou seja, como um verbo que não possui sujeito e que sempre se apresenta na terceira pessoa do singular, a exemplo de:

(33) *Havia* poucos ingressos à venda.²⁶

(34) *Houve* duas guerras mundiais.

(35) *Haverá* reuniões aqui.

Cunha e Cintra (2001) explicam que os verbos impessoais são usados apenas na terceira pessoa do singular e que o verbo *haver* na acepção de existir é classificado como um verbo impessoal. Logo, é invariavelmente usado na terceira pessoa do singular, não se podendo dizer impessoalmente *Houveram momentos de pânico* e sim *Houve momentos de pânico*.

Bechara (2001, p. 21) destaca que a “principal característica dos

26 Exemplos de Sacconi (2001, p. 335).

verbos e expressões impessoais é que [...] aparecem, na língua exemplar, sempre na 3ª pessoa do singular”. Por isso, construções com o verbo no plural, como *Haviam muitas pessoas no baile*, devem ser evitadas.

Em Almeida (1999), o emprego impessoal do verbo *haver* significa existir, mas se o substituísimos pelo verbo *existir* a concordância se imporá, devido às funções sintáticas da oração.

(36) *Há* crianças na biblioteca.

(37) *Existem* crianças na biblioteca.

Cunha (1982) explica que, quando sinônimo de existir, o verbo *haver* se constrói de modo diferente daquele, ou seja, *haver* não tem sujeito e é transitivo direto, sendo o seu objeto o nome da coisa existente. O autor também aponta que embora construções com o verbo *haver* impessoal na terceira pessoa do plural sejam realizadas, principalmente entre os autores do século XIX, tais estruturas não devem ser produzidas.

Esses gramáticos destacam que, quando o verbo *haver* é empregado impessoalmente, o que interessa é o processo verbal em si, visto que não se atribui a nenhum ser o fato expresso pela forma verbal.

Com relação ao uso do verbo *ter*, Almeida (1999, p. 242) destaca não só que “dos quatro verbos auxiliares²⁷, somente *ter* não pode ser impessoal”, como também que seu uso, na acepção de existir, “constitui erro grave, e todo possível devemos fazer para evitá-lo, empregar o verbo *ter* com a significação de existir”.

Cunha e Cintra (2001, p. 131), por sua vez, afirmam que não só na linguagem coloquial do Brasil, como também no Português das nações africanas é corrente o emprego do verbo *ter* como impessoal à semelhança de *haver*. Os autores citam alguns escritores consagrados que fazem uso de tal verbo, a saber:

27 Ter, haver, ser e estar.

(38) Hoje *tem* festa no brejo! (C. Drummond de Andrade)

(39) Em Pasárgada *tem* de tudo

É outra civilização

Tem um processo seguro (Manuel Bandeira)

Sacconi (2001, p. 335) também aponta que é comum, na língua popular do Brasil, ver o uso do verbo *ter* como impessoal, como *Tem gente que gosta de apanhar*.

Embora Bechara (1983) admita que a freqüência de uso de *ter* por *haver* seja amplamente maior na conversação de todos os momentos, o autor explica que tal emprego constitui uma incorreção na língua culta, devendo, portanto, ser evitado.

Said Ali (1957, p. 117-18) também explica e adverte que

O mais conhecido caso de conflito entre a explicação e a realidade é o da oração existencial. Insiste-se em assegurar, com os olhos abotoados, que **há homens** é exatissimamente o mesmo que **tem homens**. Só não se recomenda, como o pediriam a justiça e a coerência, o uso da segunda dicção por tão boa como a primeira. Na genuína oração existencial não há lugar nem para **possuir** nem ainda para **ter**. Levará sempre a marca de erro crasso a oração existencial na qual o discípulo, por ignorância ou inadvertência, puser **tem** por **há**.

Dessa forma, percebemos que, de acordo com a tradição gramatical, o uso do verbo *ter* em orações existenciais quase não é mencionado ou quando mencionado sua possibilidade de uso restringe à língua falada, ou seja, à língua não “exemplar”, sendo, portanto, seu uso descartado na língua escrita.

Isso pode ser um indício de que o verbo *ter* seja o verbo preferencialmente utilizado em construções existenciais, sendo, portanto, uma forma não estigmatizada pela sociedade, pois, segundo Carvalho (2004), a introdução de uma forma variável em manuais normativos indica que essa forma é amplamente utilizada pelos falantes cultos da língua.

No entanto, a postura normativa de eleger o verbo *haver* como o certo, o culto e o bonito não só acaba incorrendo em preconceito contra a linguagem dita “popular”, considerada aqui como incorreta, uma vez que se distancia do padrão escrito mais formal, como também nega aos usuários da língua a informação da existência da forma lingüística *ter existencial*, que é amplamente utilizada pelos falantes e que, dependendo do contexto social, é perfeitamente aceitável.

1.3. Ter e haver: estudos variacionistas

Considerar a língua como objeto social, heterogêneo e variável constitui a maior contribuição da Sociolingüística para os estudos da linguagem. Ao adotar essa concepção de língua, os estudos sociolingüísticos partem dos pressupostos de que há diferenças lingüísticas entre as normas estabelecidas pela Gramática Normativa e os reais usos da língua, e de que a variação lingüística não é aleatória, mas sim condicionada por fatores lingüísticos e sociais.

Ao considerar a língua como um objeto social variável, a Sociolingüística se distancia dos modelos de ensino que adotam uma concepção abstrata e homogênea de língua e postula que o processo de ensino/aprendizagem de língua deve levar em consideração todas as variedades sociolingüísticas e não apenas aquele padrão culto exclusivo da classe social de maior prestígio, sendo, portanto, tarefa da escola combater o preconceito lingüístico e valorizar a diversidade lingüística.

Dessa forma, diferentemente das abordagens gramaticais, pesquisas sociolingüísticas mostram que construções existenciais são normalmente formadas com o verbo *ter* e que o processo de substituição de *haver* por *ter* encontra-se em

estágio avançado a depender da escolarização e da origem social do falante.

Ao analisar a língua falada de informantes do sexo masculino com mais de 55 anos (faixa etária 3) em cinco capitais brasileiras, Cardoso (1986) não só mostra que na zona rural prevalece o uso de *ter existencial*, como também aponta uma diferenciação no uso de *ter* e *haver* em relação à origem geográfica do falante, a saber, em Porto Alegre o uso predominante é de *ter*, no Rio de Janeiro existe um equilíbrio entre *ter* e *haver* e em São Paulo, Salvador e Recife o uso predominante ainda é de *haver*.

Franchi et ali (1998), em seu trabalho com dados do Projeto Nurc²⁸ São Paulo, que representa uma mescla lingüística em que a escolarização e a norma escolar constituem um fator social significativo na exclusão ou manutenção das formas gramaticais, mostram um percentual significativo no uso de *ter* sobre *haver* e *existir*. Os autores apontam que 50,98% dos falantes usam o verbo *ter*, 25,87% preferem o uso de *existir* e 23,14% usam o *haver*.

A distribuição dos verbos nas construções existenciais do PB mostra o privilégio às construções com *ter* sobre *haver* e *existir*, mesmo em um corpus datado e de falantes cultos como o do Projeto Nurc, de que servimos de um modo geral (FRANCHI; NEGRÃO; VIOTTI, 1998, p. 106).

Rocha et ali (1999), ao analisarem três atuais jornais cariocas voltados para leitores de classes socioeconômicas diferentes – *O Globo* (classe A), *O Dia* (classe B) e *Povo* (classe C), apontam que o jornal *O Globo* é o único em que ainda se mantém o predomínio de *haver*, a forma mais conservadora. Nos demais jornais, vistos como mais populares, o uso de *ter* é mais freqüente.

Ao analisarem a variação *ter/haver existenciais* na fala culta carioca nas décadas de 70 e 90, Callou e Avelar (2000) mostram que a penetração de *ter* no campo de *haver* ainda não se completou – 69% de *ter* contra 31% de *haver*, embora o percentual de *ter* salte de 63% nos anos 70 para 76% nos anos 90,

²⁸ Projeto da Norma Urbana Oral Culta

sugerindo assim uma mudança em progresso.

Os autores apontam que, tanto em uma década como em outra, quatro fatores foram relevantes para a variação em estudo – dois lingüísticos e dois sociais, a saber, tempo verbal, especificidade semântica do argumento interno, faixa etária e gênero.

Os fatores sociais revelam que, de uma década para a outra, a frequência de uso de *ter* aumentou em todas as faixas etárias, chegando à década de 90 a 98% entre os falantes mais jovens. A mudança na década de 70 para a década 90 acontece entre os falantes do sexo masculino, entre os quais o uso de *ter* cresce de 47% para 74%. Nos anos 90, a frequência de uso de *ter* é de 75% sem distinção de gênero.

No que diz respeito aos fatores lingüísticos, os autores explicam que construções no passado favorecem o uso de *haver*, enquanto que construções no presente favorecem o uso de *ter*. Esse resultado mostra que, no Português oral culto da cidade do Rio de Janeiro, o verbo *haver* tornou-se um verbo típico de narração, modalidade discursiva que privilegia o emprego de tempos verbais no passado. O verbo *ter* também ocorre preferencialmente quando os argumentos internos apresentam o traço [+ material], enquanto que argumentos com traço [- material] favorecem o uso de *haver*.

Dutra (2000), ao analisar a variação *ter* e *haver* na norma culta de Salvador, não só mostra que o verbo *ter* é o mais utilizado com 61,9% das ocorrências contra 38,1% das do verbo *haver*, como também aponta que fatores lingüísticos e sociais condicionam tal variação, a saber, animacidade do objeto, natureza concreta ou abstrata do objeto, modos e tempos verbais, posição do objeto, tipos de oração, tipos de registro, gênero e faixa etária.

Os dados apontam que o verbo *ter existencial* ocorre preferencialmente nos seguintes contextos: presença de objetos com traços [+

animado] – 83,05% e [+ concreto] – 74,7%; no presente do indicativo – 64,9%; em orações absolutas – 80,9% e orações coordenadas assindéticas – 71,2%; no tipo de registro mais coloquial – 76,5%; nos informantes do sexo feminino – 70,08%; e nas faixas etárias 1 e 2 – 71,4% e 73,1%, respectivamente.

Segundo a autora, o uso do verbo *ter* impessoal, na norma culta de Salvador, pode ser entendido como um processo de mudança em curso, porém se faz necessário uma pesquisa mais aprofundada sobre o assunto.

Dessa forma, é possível afirmar que as pesquisas de Franchi et alii (1998), Callou e Avelar (2000) e Dutra (2000) mostram não só o alto percentual de uso do verbo *ter existencial* na norma culta do Português falado no Brasil, como também que tal norma está se rendendo à mudança em direção ao uso do verbo *ter*, contrariando, dessa forma, a visão normativa que aceita apenas o uso do verbo *haver* nesse contexto.

Considerando cinco capitais brasileiras na década de 70, Leite e Callou (2002) mostram o alto percentual de uso de *ter* sobre *haver* em estruturas existenciais: *ter* chega a 73% dos casos em Porto Alegre e Salvador, a 68% em Recife, a 63% no Rio de Janeiro e a 56% em São Paulo.

Embora o percentual de uso de *haver* venha sofrendo uma redução significativa, observamos que a penetração de *ter* no campo de *haver* ainda não se completou. Callou e Lopes (2003) elencam alguns fatores que ainda favorecem a manutenção do verbo *haver* em contextos existenciais, a saber, os tempos verbais do sistema passado, vistos como verbos típicos de narração, as construções com SN argumento interno que apresenta o traço [- material] e a escolaridade dos usuários da língua.

Segundo esses autores, os estudos realizados nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Salvador e Porto Alegre mostram não só que o uso de *ter existencial* obedece aos mesmos condicionamentos lingüísticos e sociais, como

também que sua aplicação em lugar de *haver* é geral no Brasil, embora o peso relativo de aplicação da regra varie.²⁹

Os pesos relativos de *ter* indicam uma curva de mudança em progresso nas cidades de São Paulo, Recife e Rio de Janeiro. Nas cidades de Salvador e Porto Alegre, por outro lado, têm-se uma curva de variável estável, que em Salvador vai no sentido de aumento de *ter* e em Porto Alegre no sentido de uma leve retração de uso de *ter*.

Duarte (2003), ao analisar amostras da fala não culta do Rio de Janeiro, observa que, na amostra de 1980, o verbo *ter* apresenta um percentual de 87% contra apenas 10% de *haver*, enquanto que na amostra de 2000, esse percentual muda para 91% de uso de *ter* contra apenas 6% de uso de *haver*.

A autora chama a atenção para a atuação do fator escolaridade. Na amostra de 80, os falantes do ensino médio superam os falantes dos ensinos fundamentais 1 e 2 no uso de *haver*, com freqüência de 21% versus 7%, respectivamente. Já na amostra de 2000, tem-se os índices de 3% para o ensino fundamental 1, 10% para o fundamental 2 e 5% para o ensino médio.

Outro fator apontado por Duarte é o fato de o verbo *haver* já não fazer mais parte do processo natural de aquisição de linguagem, pois na faixa etária 1 (7-14 anos), das duas amostras, não há ocorrências do verbo *haver existencial*. Já na faixa etária 4 (acima de 50 anos), esse verbo apresenta índices de 19% na amostra de 80 e 15% na amostra de 2000.

Callou e Avelar (2000) também apontam que observações assistemáticas mostram que é possível formular a hipótese de que, nos dialetos brasileiros, a criança só adquire o verbo *haver* com sentido de existir durante o seu aprendizado na escola.

²⁹ O peso relativo de aplicação da regra é o resultado numérico de cada fator de análise do fenômeno variável produzido pelo programa VARBRUL.

A permanência deste verbo em alguns contextos deve provavelmente estar condicionada, dentre outros fatores, ao processo de aquisição da escrita, em que ainda se valoriza um padrão no qual as existenciais sejam construídas da mesma forma que no português europeu (AVELAR, 2006, p. 72).

Com a finalidade de descrever o perfil lingüístico dos falantes de João Pessoa acerca da variação *ter/haver*, Silva (2004) mostra que o total de ocorrências com *ter* e *haver existenciais* corresponde a um percentual de 90% dos casos com o verbo *ter* contra apenas 10% para o verbo *haver* e explica que tal variação é motivada pelo fator lingüístico animacidade do SN objeto e pelos fatores sociais escolaridade, faixa etária e sexo.

Na fala pessoense, o verbo *ter existencial* ocorre preferencialmente quando o SN objeto apresenta traço [+ animado], com percentual de 95%; entre os falantes menos escolarizados, com uma freqüência de uso de 98%, indicando assim que o acesso às normas determina a escolha pelas variantes lingüísticas; e entre os falantes do sexo feminino, que usa o verbo *ter* em 93%, diminuindo sua freqüência à medida que a escolaridade aumenta – 89%.

Avelar (2005) explica que a variação *ter* e *haver* em sentenças existenciais é condicionada à faixa etária e ao nível de escolarização do falante, bem como ao tipo textual em que a sentença é realizada, ou seja, língua falada ou língua escrita, e é “desencadeada pela 'alimentação' da chamada gramática periférica pelo processo de escolarização em oposição à gramática nuclear constituída no processo natural de aquisição da linguagem [...]”(p. 01).

Por gramática naturalmente internalizada, estou entendendo o que Chomsky 1981 classifica como **gramática nuclear**, em oposição a uma **gramática periférica**; seguindo os desdobramentos propostos por Kato 2005 em torno desses dois conceitos, uma gramática periférica “pode abrigar fenômenos de empréstimos, resíduos de mudança, invenções, de forma que indivíduos da mesma comunidade podem ou não apresentar esses fenômenos de forma marginal” [...] contrariamente ao que ocorre na formação da gramática nuclear, resultante do processo de aquisição natural da língua (AVELAR, 2005, p. 2).

O autor mostra não só que, na língua falada, quanto mais velho o falante, menor o percentual de *ter*, embora esse percentual seja amplamente maior em todas as faixas etárias e em todos os níveis de escolarização dos informantes, como também que o verbo *ter* é realizado em 87% das construções existenciais na língua falada, enquanto que na língua escrita esse percentual é de 14%.

Tais resultados são explicados pelo fato de o verbo *haver* ser uma variante de prestígio, sendo a forma preferida na língua escrita, ao passo que o uso do verbo *ter existencial* em tal modalidade, justifica-se apenas pela necessidade de se inserir entre os textos escritos elementos comuns da oralidade, tendo em vista que as ocorrências de *ter* aparecem, preferencialmente, na elaboração de diálogos entre narrador e personagem.

Avelar (2006) aponta que o uso *ter* em contextos existenciais na língua escrita aparece com 8% entre os séculos XVI-XVIII, 22% no século XIX e 30% no século XX. O autor explica que esses dados apenas refletem o conservadorismo a que tende a língua escrita, não mostrando, de fato, o que realmente acontece na língua falada, em que o verbo *ter*, pelo observado até aqui, vem se saindo vencedor.

Tal conservadorismo, pontua o autor, pode ser uma das explicações para a permanência do verbo *haver* em sentenças existenciais, levando-o a formular a hipótese de que o uso de *haver existencial* deve provavelmente estar condicionado ao processo de aquisição da língua escrita.

Vitório (2007), ao analisar o comportamento variável de *ter* e *haver* na escrita de alunos de 5ª e 6ª séries do Ensino Fundamental da cidade de Maracanaú/CE, com o intuito de verificar a freqüência de uso desses verbos no *corpus* em questão e de analisar se fatores lingüísticos e sociais, tais como tempo verbal, tema do texto, animacidade do SN objeto, concordância entre o verbo e o

SN objeto, escolaridade e sexo, interferem no uso de *ter* e *haver existenciais*, não só apresenta que a freqüência de uso de *ter* é amplamente maior do que a de *haver*, com um percentual de 89% dos casos para o verbo *ter* contra apenas 11% de uso do verbo *haver*, como também mostra que tal variação é condicionada apenas pelos fatores lingüísticos tempo verbal, tema do texto e animacidade do SN objeto.

Segundo a autora, o verbo *ter existencial* ocorre com maior freqüência quando a forma verbal se encontra no presente do indicativo – 97%; quando os temas das produções textuais se referem a experiências pessoais dos alunos 89% e 97% e quando o SN objeto apresenta o traço [+ animado] – 95%.

Esses resultados apontam que mesmo a língua escrita sendo um discurso mais monitorado e, por isso, mais favorável ao uso da norma padrão, ou seja, da variante *haver existencial*, é a variante inovadora *ter existencial* que aparece em maior escala. Indicando assim que nesse nível de escolaridade são apenas fatores lingüísticos que licenciam o uso de *haver existencial*, tendo em vista que tal variação mostrou-se indiferente aos fatores sociais analisados.

A partir do que foi exposto, é possível perceber que apesar de não ser uma forma aceita pela tradição gramatical, o uso do verbo *ter* em construções existenciais não é um fenômeno estigmatizado pela sociedade, pois é utilizado por falantes de diferentes níveis de escolarização, sem causar preconceito lingüístico e social.

Esses estudos mostram que é notória a preferência dos falantes, sejam eles escolarizados ou não, pelo uso do verbo *ter* em construções existenciais. O uso preferencial de *ter*, segundo Silva (2004), também é extensivo à mídia, a órgãos que requerem um estilo mais formal de linguagem e à própria instituição educacional, que não discrimina tal emprego.

Na língua popular do Brasil é corrente tal uso, não já na expressão do vulgo inculto, mas até na dos letrados quando falam descuidadamente. Para que empreguemos o impessoal **há**, é-nos necessário certo esforço, certa volição especial, tão entranhada está em nossos hábitos lingüísticos tal sintaxe. Assim dizemos: **Tinha** muita gente na festa. Tal uso não constitui brasileirismo como julgam alguns, mas é herança arcaica que se projetou até nos melhores clássicos do idioma (BUENO, 1958, p. 208).

Nesse sentido, é preciso que a escola não só reconheça a diversidade lingüística existente em nossa língua, mas também desenvolva no aluno sua capacidade de reflexão sobre a língua e sobre o uso dessa língua, pois dependendo da situação comunicativa teremos formas de uso de fala e de escrita informal e formal.

Essa postura tenta desenvolver uma atitude não preconceituosa por parte da sociedade e dos professores de língua materna, gerando, assim, no ambiente escolar atividades que levem em consideração a língua falada e a língua escrita, mostrando não só as variações lingüísticas que há nessas duas modalidades, mas também evitando uma atitude errônea de que a língua é homogênea, sem variação.

É a partir desses estudos e dessas observações que objetivamos analisar o comportamento variável dos verbos *ter* e *haver* com sentido de existir na escrita de alunos dos ensinos fundamental e médio da cidade de Maceió.

Nosso intuito ao selecionar a língua escrita é não só descrever as ocorrências desses verbos em tal modalidade, tendo em vista que, na língua falada, o *ter* é o verbo amplamente utilizado em sentenças existenciais, como também ampliar o elenco de estudos lingüísticos destinados à descrição da língua escrita e ao seu funcionamento.

CAPÍTULO 2 – Referencial teórico

Neste capítulo, apresentamos os pressupostos teóricos básicos da Sociolingüística laboviana (LABOV, 1983), enfatizando não só a questão da variação sociolingüística, mas também evidenciando aspectos que possibilitam o enquadramento do fenômeno em estudo dentro da Teoria da Variação Lingüística.

2.1. Sociolingüística

O interesse pelos estudos sobre a linguagem advém dos mais remotos períodos históricos. Dos trabalhos dos gramáticos gregos e romanos da Antigüidade Clássica até o século XX, no qual os estudos lingüísticos se intensificam não só aperfeiçoando postulados outrora difundidos e acrescentando novas teorias aos estudos da linguagem, mas também delineando, dessa forma, a Lingüística como uma ciência autônoma.

A palavra “lingüística” começa a ser utilizada no século XIX em oposição aos estudos de caráter puramente normativo ou prescritivo. E é a partir do século XX, com a publicação do *Curso de Lingüística Geral*, de Ferdinand de Saussure, em 1916, que a Lingüística se define como o estudo científico da linguagem humana.

Atualmente, os estudos desenvolvidos dentro da ciência da linguagem podem ser divididos em duas áreas de pesquisas, que são definidas, segundo Neves (1997), em duas grandes correntes do pensamento lingüístico, a saber, formalismo e funcionalismo. Segundo a autora, o formalismo vê a língua como um objeto autônomo que basta a si mesmo e exclui qualquer fenômeno que não seja

interno ao sistema, ao passo que o funcionalismo vê a língua como um objeto social e se interessa pela função que as formas lingüísticas desempenham em determinado contexto social.

Apesar dos dois enfoques lingüísticos possuírem a língua como objeto de estudo, eles a tratam de formas diferenciadas. O formalismo estuda a língua como um objeto descontextualizado, sem levar em consideração o falante-ouvinte real ou as circunstâncias nas quais a língua é usada. A língua é vista como um objeto formal abstrato, existente em si e por si e os fenômenos lingüísticos são estudados dentro do próprio sistema da língua, que é tratada como um objeto autônomo e descrita com um fim em si mesma.

O funcionalismo, por sua vez, vê a língua como um sistema não-autônomo inserido em um contexto de interação social. Esse modelo se preocupa com a relação entre a língua e as diversas modalidades de interação social, e frisa a importância do papel do contexto social na compreensão dos fenômenos da linguagem. A tarefa principal desse enfoque é “descrever a linguagem não como um fim em si mesma, mas como um requisito pragmático da interação verbal” (PEZATTI, 2004, p. 168).

A corrente lingüística de base funcional estabelece um objeto de estudo baseado no uso real da língua, o que significa dizer que o funcionalismo não separa sistema e uso, tal como preconiza a vertente de base formal que pode ser representada, dentre outros estudos, tanto pelo estruturalismo saussureano, com a distinção entre língua e fala, quanto pela teoria gerativa chomskyana, com a distinção entre competência e desempenho.

Saussure elege a *langue* como objeto de estudo da Lingüística, mostra que os fatos lingüísticos devem ser explicados através de outros fatos lingüísticos e considera a sincronia como verdadeira e única nos estudos da linguagem, não deixando espaço para a variação e a mudança. Para Saussure, a

língua é vista como um conjunto fechado e homogêneo de regularidades, de fatos estáticos, que pode ser descrita sem se levar em consideração os elementos em variação ou em mudança e o papel que a estrutura da sociedade teria sobre os fenômenos lingüísticos.

Chomsky (1965), embora apareça como uma reação ao estruturalismo, também trabalha com a língua abstraída de tudo que lhe seja externo, um sistema inteiramente independente do contexto social em que se manifesta. O autor considera que o objeto da Lingüística é a competência lingüística do falante-ouvinte ideal, que pertence a uma comunidade lingüisticamente homogênea e escolhe as intuições do lingüista como dados de análise.

A exigência da homogeneidade se torna central aqui: a competência lingüística que é o objeto da análise lingüística é a posse de um indivíduo; a teoria lingüística se ocupa da comunidade somente na medida em que a comunidade é homogênea e na medida em que o informante individual é um perfeito representante dela (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 2006 [1968], p. 60).

Nesse contexto, a Sociolingüística, fixada na década de 1960 e marcada por uma origem interdisciplinar, nasce como uma reação ao mito da homogeneidade e uniformidade do sistema lingüístico e à ausência do contexto social evidenciado no estruturalismo e gerativismo.

[...] os sociolingüistas rompem incisivamente com uma tendência lingüística: a de tratar as línguas como sendo completamente uniformes, homogêneas ou monolíticas em sua estrutura [...]. Uma das maiores tarefas da sociolingüística é demonstrar que na verdade tal variação ou diversidade não é “livre”, mas correlacionada a diferenças sociais sistemáticas. Neste aspecto e em outros mais latos, é precisamente a DIVERSIDADE lingüística o objeto de estudo da sociolingüística (BRIGHT, 1974, p. 18).

O termo “sociolingüística” é bastante recente e foi cunhado para se referir às perspectivas conjuntas que lingüistas e sociólogos mantinham face às

questões sobre as relações entre linguagem e sociedade e, especialmente, sobre a relação entre contexto social e diversidade lingüística.

Segundo Alkmim (2001), a Sociolingüística, como subárea da Lingüística, fixou-se em 1964 num congresso na Universidade da Califórnia em Los Angeles, com a participação de vários estudiosos, dentre eles William Labov, e sua principal tarefa é “demonstrar a covariação sistemática das variações lingüística e social, e, talvez, até mesmo demonstrar uma relação casual em uma ou outra direção” (BRIHGT, 1974, p. 17).

De acordo com Labov (1983), linguagem e sociedade estão ligadas entre si de uma maneira inquestionável, sendo essa relação a base da constituição do ser humano. O autor entende que a história da humanidade é a história dos seres organizados em sociedade e detentores de um sistema de comunicação que é a língua.

Assim, a Sociolingüística dos anos de 1960 é marcada por uma heterogeneidade original e pode ser vista como o ponto de partida de novas correntes e orientações de pesquisas centradas no fato do fenômeno lingüístico relacionado ao contexto social e cultural, situando-se, dessa forma, seus estudos na corrente funcionalista.

É possível situar a Sociolingüística dentro da Lingüística Funcionalista porque ela procura descrever e explicar o uso da língua tendo como ponto de partida as interações verbais dos indivíduos em circunstâncias reais de comunicação, ou seja, tanto a Sociolingüística quanto o enfoque funcionalista procuram analisar os fenômenos lingüísticos em situações comunicativas reais, levando em consideração o evento de fala, seus participantes e o contexto social.

É nesse sentido que Labov (1983), não só classifica os estudos lingüísticos em dois grupos, a saber, grupo “social” e grupo “a-social”, o primeiro põe ênfase na importância da diversidade lingüística e procura explicar os

fenômenos lingüísticos através de fatores lingüísticos e sociais, ao passo que o segundo toma a comunidade como homogênea e exclui todo o estudo que leve em consideração o comportamento social, como também situa os estudos sociolingüísticos dentro do grupo social.

[...] a sociolingüística só podia se constituir de modo coerente pela recusa da cisão instituída pelo estruturalismo entre um “instrumento de comunicação”, a língua, e suas condições de utilização. A solução que propusemos consiste em inverter a abordagem do problema e em dizer que *o objeto de estudo da linguagem não é apenas a língua ou as línguas, mas a comunidade social em seu aspecto lingüístico* (CALVET, 2002, p. 158).

É a partir da Sociolingüística que se passa a conhecer várias realidades lingüísticas antes ignoradas, tais como: a) a idéia de que a língua é heterogênea e de que essa heterogeneidade pode ser sistematizada; b) o desenvolvimento de bilingüismo em nações socialmente complexas; c) a obsolescência e a assimilação de línguas minoritárias; d) as regras que condicionam os comportamentos dos falantes nos eventos de fala; e) a influência de fatores extralingüísticos no uso da língua, como classe social, escolaridade, sexo, faixa etária, entre outros; f) a idéia de que a variação lingüística não é livre e sim condicionada por restrições lingüísticas e sociais; g) a classificação de variados modos de fala em variedades lingüísticas; h) o porquê das crianças provenientes de classes menos favorecidas não “acompanharem” o modelo tradicional de ensino; i) a inadequação das gramáticas normativas para o ensino de língua materna, entre outros.

Assim, os estudos lingüísticos que recebem o rótulo de Sociolingüística podem ser divididos em três campos de pesquisas, a saber: Sociologia da Linguagem (FISHMAN, 1972), que busca entender a estrutura social através do estudo da linguagem, focalizando toda a gama de tópicos relacionados à organização social do comportamento lingüístico; Etnografia da Fala (HYMES,

1962), mais tarde rebatizada de Etnografia da Comunicação, que procura descrever e interpretar o comportamento lingüístico no contexto cultural, definindo as funções da linguagem a partir da observação e das regras sociais próprias de cada comunidade; e Sociolingüística Variacionista ou Teoria da Variação Lingüística (LABOV, 1983), que sublinha o papel dos fatores lingüísticos e sociais na explicação da diversidade lingüística observada.

2.1.1. Teoria da Variação Lingüística

A Teoria da Variação Lingüística, também conhecida como Sociolingüística Quantitativa, proposta por William Labov (1983), trata da variação e da mudança lingüísticas e contempla os usos variáveis de fenômenos da linguagem em seu contexto social.

A proposta de Labov se distancia do trabalho da Lingüística Formal que considera a língua como um sistema de normas abstratas, externa ao falante e independente do contexto de enunciação, e mostra que é na heterogeneidade da língua que se deve buscar a estrutura e o funcionamento desse sistema.

A existência de *variação e de estruturas heterogêneas* nas comunidades de fala investigadas é uma realidade corretamente estabelecida. Trata-se da existência de outro tipo de comunidade lingüística que se deve duvidar. [...] a heterogeneidade não é apenas comum, é também o resultado natural de fatores lingüísticos básicos. O que alegamos é que a ausência de alternância de registro e de sistemas multi-estratificados de comunicação é que seria disfuncional [...] (LABOV, 1983, p. 259).^{30 31}

30 As traduções apresentadas no decorrer desta dissertação são de minha responsabilidade.

31 La *existencia de variaciones y estructuras heterogéneas* en las comunidades lingüísticas investigadas es una realidad correctamente establecida. Se trata de la existencia de otro tipo de comunidad lingüística que hay que poner en duda. [...] la heterogeneidad no sólo es común sino que es el resultado de los factores lingüísticos básicos. Lo que mantenemos es que la ausencia de permutaciones estilística y de sistemas de comunicación multiestatificados es lo que resultaría disfuncional [...].

A Sociolingüística laboviana vem mostrar o caráter heterogêneo e variável das estruturas lingüísticas e defender que tais estruturas têm uma organização gramatical, ou seja, seguem regras e têm formas lógicas lingüísticas perfeitamente demonstráveis sendo possível seu estudo dentro do campo lingüístico.

A língua passa a ser vista pelos sociolingüistas como dotada de uma heterogeneidade ordenada, que não eliminam dos estudos lingüísticos aquilo que é variável, ao contrário, tal proposta faz da variação seu objeto de estudo e análise, passando toda a língua a apresentar variação, que é potencialmente um desencadeador de mudança.

O termo mudança passa a apresentar na teoria laboviana um significado diferente daquele atribuído pela Lingüística Formal. Antes a mudança lingüística era vista como aleatória e indicava tanto o processo de mudança quanto a variação lingüística, mas com o advento da Teoria da Variação Lingüística, evidencia-se que toda mudança na língua implica variação, mas nem toda variação implica mudança.

Nem tudo o que varia sofre mudança; toda mudança lingüística, no entanto, pressupõe variação. Variação, portanto, não implica mudança; mudança, sim, implica sempre variação. Mudança é variação! (TARALLO, 2003, p. 63).

Considerando que nem tudo o que varia implica mudança, mas que toda mudança pressupõe variação, é importante estabelecer se a análise das variantes aponta para uma variação estável (coexistência de formas alternantes no sistema lingüístico, sem que se possa dizer que uma delas vai desaparecer ou se transformar) ou para uma mudança em progresso (duelo entre as variantes e a permanência de apenas uma delas no sistema).

Assim, a análise em tempo real se faz necessária e relevante, pois a

observação diacrônica poderá explicar o estágio de coexistência ou não das variantes na comunidade lingüística. A análise em tempo aparente, por sua vez, estabelece o estágio pelo qual passam as variantes no momento de recorte temporal em que estão sendo observadas. Trata-se de uma análise específica daquele momento, sendo relevante a observação sincrônica do estágio das variantes (LABOV, 1996).³²

Weinreich, Labov e Herzog (2006) explicam que a mudança lingüística não só é transmitida dentro da comunidade como um todo, como também que fatores lingüísticos e sociais estão inter-relacionados no desenvolvimento da mudança lingüística. Os autores apresentam cinco problemas que precisam ser considerados na análise deste fenômeno, a saber, os fatores restritivos, a transição, o encaixamento, a avaliação e a implementação.

No estudo da mudança lingüística é preciso determinar tanto as possíveis mudanças e as possíveis condições para a mudança, que podem ocorrer em uma estrutura quanto a possível direção que essas mudanças podem tomar; estabelecer, passo a passo, como se dá a mudança de uma estrutura para uma outra estrutura; determinar que as mudanças lingüísticas devem estar encaixadas tanto na estrutura lingüística como na estrutura social; estabelecer as correlações subjetivas entre a sociedade e as variáveis em uma estrutura heterogênea; e estabelecer que a mudança na língua se inicia quando um dos traços característicos da variação é comum a um subgrupo da comunidade lingüística.

Labov (1983) entende que se a língua faz parte de uma sociedade que a utiliza, a influencia e é influenciado por ela, o funcionamento dessa língua só pode ser entendido por meio da sociedade. Nesta perspectiva, querer explicar quais forças agem na língua, deve incluir o modo como a língua está inserida na sociedade, pois tanto a língua como a sociedade são sistemas que apresentam

³² Neste trabalho, utilizamos a versão espanhola *Principios del cambio lingüístico* (1996) de Labov (1994) – *Principles of linguistic change*.

heterogeneidade.

Assim, é possível afirmar que a heterogeneidade na sociedade pode provocar heterogeneidade dentro da língua e a heterogeneidade na língua pode provocar heterogeneidade dentro da sociedade.

O reconhecimento e aceitação de que há variação lingüística e de que essa variação é condicionada tanto por fatores lingüísticos quanto por fatores sociais ajuda a gerar a consciência de que não existe nenhuma comunidade lingüística ou grupo social que fale mais “certo” ou mais “errado” do que outro, mas que dependendo do domínio social³³ o falante apresentará um discurso menos monitorado ou mais monitorado. Tal monitoramento é percebido pelo uso de variantes vistas como formas lingüísticas mais antigas ou variantes conservadoras e formas lingüísticas mais recentes ou variantes inovadoras.

Nesse contexto, a proposta de Labov não só toma para si o desafio de estudar a língua do dia-a-dia, buscando regularidades da variação no contexto de uso da língua, como também amplia o conceito de competência, acrescentando as regras variáveis à gramática da língua. Para o autor, a competência de uma falante lhe permite não só saber o que falar, mas também como falar com quaisquer interlocutores em quaisquer circunstâncias.

Quando faz uso da língua, o falante não só aplica as regras para obter sentenças bem formadas, mas também faz uso de normas de adequação definidas em sua cultura. São essas normas que lhe dizem quando e como monitorar seu estilo. [...]. Em todos esses processos, ele tem sempre de levar em conta o papel social que está desempenhando (BORTONI-RICARDO, 2004, p.73).

Com a ampliação do conceito de competência, Labov estabelece a diferença entre as regras categóricas e as regras variáveis. As primeiras fazem parte de um núcleo de estruturas compartilhadas por todos os falantes, conferindo

³³Bortoni-Ricardo (2004, p. 25) explica que “um domínio social é um espaço físico onde as pessoas interagem assumindo certos papéis sociais”.

à língua um aspecto de estabilidade e as segundas são conhecidas como padrões inerentes ao sistema que emergem a partir da língua em uso.

Todo sistema lingüístico é dotado, pois, de um conjunto de regras que não podem ser infringidas, sob pena de dificultar ou mesmo inviabilizar a compreensão dos enunciados. A esse conjunto de leis internas se costuma dar o nome de *invariante*. Mas, além das regras *categóricas* ou *invariantes*, existem e, sem dúvida em maior abundância, as regras *variáveis*. Aplicam-se sempre quando duas ou mais formas estão em concorrência num mesmo contexto e a escolha de uma depende de uma série de fatores, tanto de ordem interna ou estrutural como de ordem externa ou social (MONTEIRO, 2000, p. 58).

Labov (1983) elenca alguns fatores como propriedades de uma variável, a saber, ter ocorrência freqüente, ser estruturalmente integrada num sistema de unidades em funcionamento e ter a distribuição dos traços altamente estratificada, e explica que “a variação social e estilística pressupõe a opção de dizer a mesma coisa de diversas maneiras diferentes, isto é, que as variantes são idênticas em seu valor referencial ou de verdade, mas opostas em sua significação social e/ou expressiva” (p. 338).³⁴

Para o autor, dois enunciados que se referem ao mesmo estado de coisas como o mesmo valor de verdade constituem-se como variantes de uma mesma variável.

Desse modo, no sistema lingüístico, o número de regras variáveis é superior às regras categóricas e, sendo assim, as regras variáveis são as que deveriam ser explicadas, já que a ausência de variação, ou seja, a ausência de heterogeneidade estruturada na língua seria tida como disfuncional (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 2006).

Ao assumir a postura de que é impossível entender o desenvolvimento lingüístico fora da vida social de uma comunidade, Labov (1983),

³⁴ La variación social y la estilística presuponen la posibilidad de opción de decir “lo mismo” de muy diversas maneras; esto es, que las variantes son idénticas en su valor referencial o de verdad, pero opuestas en su significatividad social y/o expresiva.

em seus estudos sobre o Black English Vernacular, variedade extremamente estigmatizada, propõe-se correlacionar os padrões lingüísticos variáveis a diferenças paralelas na estrutura social em que os falantes estão inseridos e constata não só uma forte correlação entre a estratificação social dos falantes e seus usos lingüísticos diferenciados, como também que tal variedade sofre preconceitos em razão de pressões étnicas, escolarização e classe social.

O autor mostra que, sendo a heterogeneidade ou a variação não só inerente a todo sistema lingüístico, mas também caracterizada como não aleatória e, dessa forma, ordenada por restrições lingüísticas e sociais, são essas restrições que levam os falantes a usarem certas formas e não outras quando fazem uso da língua.

As variáveis, tanto de natureza lingüística quanto não lingüística, não agem isoladamente, mas operam num conjunto complexo de correlações que inibem ou favorecem o emprego de formas semanticamente equivalentes (MOLLICA, 2003, p. 27).

Com o intuito de ampliar o escopo de regra variável para além dos limites da fonologia, Weiner e Labov (1983) estudaram construções ativas e passivas no Inglês, testando tanto fatores externos (estilo, sexo, classe, etnia, idade) como fatores internos (status informacional, paralelismo estrutural) e concluem que todos os grupos analisados tratam a alternância ativa/passiva da mesma maneira, não sendo esta variação condicionada por fatores sociais.

Esses resultados implicam uma mudança na postura dos estudos sociolingüísticos, pois a correlação existente entre os usos lingüísticos e a estrutura social, sendo a variação explicada em termos sociais, dá lugar a considerações de ordem interna relativas ao funcionamento da gramática.

A partir da pesquisa de Weiner e Labov (1983), Lavandera (1978) argumenta que é inapropriada a extensão da análise da variação lingüística,

desenvolvida originalmente sobre a base de dados fonológicos, a outros níveis, sobretudo devido à ausência de uma teoria de significados bem formulada que permita a análise quantitativa da variação morfológica, sintática e léxica.

Lavandera aponta que, ao contrário dos segmentos fonológicos, os segmentos morfológicos, sintáticos e léxicos apresentam um significado referencial próprio e questiona: se cada construção sintática tem um significado, como podemos ter variação, se por variação entendemos duas maneiras de dizer a mesma coisa?

Labov (1978) responde à questão proposta por Lavandera mostrando a noção de “significado representacional” (ou referencial). O autor utiliza a expressão “estado de coisas” para indicar esse significado representacional e postula que dois enunciados que se referem ao mesmo estado de coisas têm o mesmo significado representacional ou o mesmo valor de verdade.

Além de questionar o estudo da variação em termos de representação lingüística, Lavandera discute a atuação dos fatores sociais e argumenta que a alternância ativa/passiva no inglês não pode ser caracterizada como variação sociolingüística e sim lingüística, pois não carrega significado social e/ou expressivo.

A autora pondera que análises não fonológicas não levam em conta o propósito básico da Teoria Sociolingüística que seria descobrir a motivação social de mudanças de sons particulares e demonstrar a correlação das escolhas lingüísticas com o aspecto social.

No entanto, Labov (1978) argumenta que isso não compromete o estudo sociolingüístico, pois mais do que medir o peso de fatores sociais, o objeto da Teoria Sociolingüística ou Teoria da Variação Lingüística é obter as restrições da estrutura gramatical da língua.

Para o autor, toda comunidade lingüística, seja ela grande ou

pequena, sempre apresenta variação e essa variação decorre tanto de fatores sociais quanto de fatores lingüísticos/estruturais, que podem ser situados nos níveis fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e até discursivos.

É neste contexto teórico que se inscreve a presente pesquisa. Nosso ponto de partida, na análise do comportamento variável dos verbos *ter* e *haver* em contextos existenciais na escrita de alunos dos ensinos fundamental e médio da cidade de Maceió, é que se duas formas *ter existencial* e *haver existencial*, codificam uma função, então, devem expressar o mesmo significado representacional e podem, dessa forma, ser vistas como variantes de uma mesma variável, sendo possível seu estudo no escopo da Teoria da Variação Lingüística.

CAPÍTULO 3 – Procedimentos metodológicos

Neste capítulo, apresentamos os objetivos e as hipóteses que norteiam este estudo, detalhamos os procedimentos de coleta dos dados e a composição destes para efeito de análise através da constituição do *corpus* da pesquisa, mostramos algumas características relevantes das variáveis lingüísticas e sociais que atuam no *corpus* coletado, e descrevemos os passos da análise quantitativa realizada pelo VARBRUL.

3.1. Hipóteses e objetivos da pesquisa

O objetivo principal desta pesquisa é investigar, à luz da Teoria da Variação Lingüística (LABOV, 1983), o comportamento variável dos verbos *ter* e *haver* com sentido de existir em textos escritos de alunos dos ensinos fundamental e médio da cidade de Maceió. Para tanto, pretendemos realizar uma análise quantitativa com o intuito de responder às seguintes questões:

1. Há ocorrências dos verbos *ter* e *haver existenciais* nos textos escritos de alunos dos ensinos fundamental e médio da cidade de Maceió?
2. Supondo que haja variação, com que freqüências os verbos *ter* e *haver existenciais* ocorrerão no *corpus* em estudo?
3. Considerando a existência de variação, que fatores lingüísticos e/ou

sociais condicionam a variação desses verbos no *corpus* em análise?

Tendo em vista que construções existenciais são normalmente formadas com o verbo *ter* e o processo de substituição de *haver* por *ter*, tanto na fala quanto na escrita, encontra-se em estágio avançado a depender da origem social do falante, como mostram os trabalhos de Callou e Avelar (2000), Dutra (2000), Duarte (2003), Silva (2004) e Vitório (2007), propomos, como respostas provisórias às questões acima formuladas, as seguintes hipóteses:

1. Sendo a língua, falada ou escrita, um fenômeno heterogêneo e dinâmico, acreditamos que há variação dos verbos *ter* e *haver* em contextos existenciais no *corpus* analisado.
2. Sendo a língua escrita, por nós analisada, um discurso mais monitorado e, por isso, mais favorável ao uso da norma padrão, pressupomos que o verbo *ter existencial* ocorrerá em menor frequência nos textos coletados para análise.
3. Partindo da premissa de que a variação lingüística não é aleatória e sim condicionada por fatores lingüísticos e/ou sociais, e que esses fatores afetam nossa língua não de forma isolada ou esporádica, mas de forma bastante regular, hipotetizamos que a variação aqui em estudo é motivada pelos fatores lingüísticos tema textual, tipo textual, tempo verbal, animacidade do SN objeto e natureza do SN objeto, e pelos fatores sociais escolaridade e sexo.

Postas as principais questões e hipóteses, delineamos os objetivos

específicos que norteiam esta pesquisa:

1. Constatar a variação dos verbos *ter* e *haver* com sentido de existir na escrita de alunos dos ensinos fundamental e médio da cidade de Maceió;
2. Verificar as estruturas de maior freqüência;
3. Analisar se os fatores lingüísticos tema textual, tipo textual, tempo verbal, animacidade do SN objeto e natureza do SN objeto interferem na variação do fenômeno em estudo;
4. Analisar se os fatores extralingüísticos escolaridade e sexo favorecem a variação em análise;
5. Descrever as relações hierárquicas dos fatores lingüísticos e/ou sociais que condicionam a variação em estudo, estabelecendo, dessa forma, as variáveis estatisticamente não significativas e as variáveis estatisticamente significativas.

3.2. Constituição do *corpus* da pesquisa

a) A escola

As produções textuais que compõem o *corpus* desta pesquisa foram coletadas no contexto de uma escola estadual da rede pública de ensino do estado

de Alagoas, localizada no conjunto Santo Eduardo no bairro do Poço em Maceió.

Trata-se de uma escola tradicional com mais de vinte e dois anos de atuação, cujo alunado é composto de discentes do ensino fundamental a partir da 5ª série e do ensino médio.

Essa escola atende a adolescentes moradores não só do bairro do Poço e dos bairros circunvizinhos, como Pajuçara, Ponta da Terra, Jatiúca, Ponta Verde, como também a alunos provenientes de diversos bairros localizados na cidade de Maceió, que trabalham próximo à escola. Constituindo-se, dessa forma, por uma clientela bastante diversificada.

b) A coleta de dados

Para podermos adentrar à escola e efetuar a coleta dos dados, contamos, inicialmente, com a colaboração da direção e coordenação da escola, que se colocaram à disposição para o desenvolvimento da pesquisa. O contato seguinte foi feito com as professoras da disciplina de Língua Portuguesa das turmas da 8ª série do ensino fundamental e da 3ª série do ensino médio.

As professoras, bastante receptivas, não só se mostraram interessadas pelas atividades de leitura e produção textual propostas para a coleta dos dados, pois auxiliariam os alunos no desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, principalmente os alunos da 3ª série do ensino médio que iriam prestar vestibular no final do ano, como também propuseram que a coleta das produções escritas fosse realizada como uma atividade rotineira de sala de aula, ou seja, como uma outra atividade curricular qualquer.

Após esses contatos, os alunos foram informados que nossas atividades seriam mais um trabalho realizado pela professora regente da turma com o auxílio de outra professora. Dessa forma, a coleta das produções textuais

para a constituição do *corpus* desta pesquisa não quebrou o ritmo das aulas e os alunos mantiveram a descontração e a interação das aulas durante o período das atividades. Não havendo, portanto, estranhamento durante a coleta de dados.

Nosso *corpus* foi coletado durante as aulas de Língua Portuguesa nas turmas da 8ª série do ensino fundamental e 3ª série do ensino médio. Essas duas turmas foram selecionadas para representar nosso *corpus* porque não só representam o último ano de cada nível de ensino, como também estabelecem um período de 3 anos de escolarização durante os quais os alunos têm contato direto com a norma gramatical num trabalho sistemático e em constantes avaliações, podendo, por isso, apresentar um comportamento diferenciado no uso de *ter* e *haver* em contextos existenciais.

Na turma do ensino fundamental, composta de vinte e sete alunos divididos em treze meninos e catorze meninas, na faixa etária de 13 a 15 anos, nossas atividades foram realizadas nos dias de quarta-feira nos horários de 15:50 às 16:40 e 17:30 às 18:20, já na turma do ensino médio, que possuía vinte e oito alunos – dez meninos e dezoito meninas, na faixa etária de 17 a 20 anos, trabalhamos nos dias de quarta-feira nos horários de 07:00 às 07:50 e 07:50 às 08:40.

Dessa forma, nossa coleta de dados ocorreu num período de 8 encontros de 50 minutos – 4 destinados à leitura dos textos selecionados para as aulas e 4 destinados à realização das produções textuais, durante o mês de agosto do ano letivo de 2007.

Nossas atividades eram divididas em dois tempos. Num primeiro momento, professores e alunos faziam a leitura e as discussões dos textos propostos para as aulas e, após essas atividades, num segundo momento, os alunos, com base na leitura e nas discussões realizadas, produziam seus textos.

c) As produções textuais

As produções textuais coletadas para comporem o *corpus* desta pesquisa foram obtidas por meio do desenvolvimento de textos escritos feitos pelos alunos do ensino fundamental e ensino médio, que tiveram como referência os temas discutidos durante as aulas de Língua Portuguesa.

Tanto para o ensino fundamental (representado pela 8ª série) quanto para o ensino médio (representado pela 3ª série), os textos trabalhados durante as aulas foram sobre os seguintes temas: 1) a importância de se estudar a língua portuguesa; 2) a linguagem da bula de remédio; 3) a violência na cidade; e o 4) o encontro esperado.

A escolha desses temas foi motivada pelo fato de propormos analisar se os temas selecionados para a elaboração escrita das produções textuais interferem no comportamento variável dos verbos *ter* e *haver* em contextos existenciais.

Dessa forma, classificamos os temas 3 e 4 como temas relacionados a experiências pessoais dos alunos, e os temas 1 e 2 como temas não relacionados a tais experiências. Essa divisão deve-se ao fato de acreditarmos que temas relacionados a experiências vividas pelos alunos serem mais favoráveis ao uso de um discurso menos monitorado e, por isso, mais favoráveis ao uso da variante inovadora *ter existencial*, conforme Labov (1983).

Para o tema a importância de se estudar a língua portuguesa, utilizamos o texto *Uma questão de bom senso*, de Thais Nicoletti, publicado na Folha de São Paulo em 5 de setembro de 2000. Para os temas a linguagem da bula, a violência na cidade e o encontro esperado, trabalhamos, respectivamente, com os textos *Novas bulas*, *Sobrevivência na selva*, de Carlos Heitor Cony e *Almas gêmeas*, de Luiz Fernando Elias, retirados do livro de Koch e Elias (2006).

d) O *corpus*

Os critérios adotados para a seleção dos informantes que compõem o *corpus* desta pesquisa obedecem aos seguintes condicionamentos: ser natural de Maceió ou morar na cidade deste os cinco anos de idade; e nunca ter passado mais de dois anos consecutivos fora de Maceió.

Nesse contexto, o universo deste trabalho é composto de dois grupos de informantes, a saber, um grupo de adolescentes matriculados na 8ª série do ensino fundamental, na faixa etária entre 13 e 15 anos e um grupo de adolescentes matriculados na 3ª série do ensino médio, na faixa etária entre 17 e 20 anos.

Assim, após a coleta das produções textuais, selecionamos 20 alunos do ensino fundamental, 10 do sexo masculino e 10 do sexo feminino, e 20 alunos do ensino médio, 10 do sexo masculino e 10 do sexo feminino.

Decidimos pela escolha de 10 informantes para o preenchimento de cada célula, que contém as informações sobre escolaridade e sexo, obtendo, desse modo, um total de 40 informantes e 160 produções textuais, das quais 80 são dos alunos do ensino fundamental, 40 pertencentes aos alunos do sexo masculino e 40 aos alunos do sexo feminino, e 80 pertencem aos alunos do ensino médio, 40 dos alunos do sexo masculino e 40 dos alunos do sexo feminino, conforme ilustramos com a tabela abaixo:

Tabela 1: Total de informantes e produções textuais

Sexo	Escolaridade	Informantes	Produções textuais
Masculino	Ensino fundamental	10	40
Masculino	Ensino médio	10	40
Feminino	Ensino fundamental	10	40
Feminino	Ensino médio	10	40

Não consideramos o fator idade porque coincidia com a escolaridade dos informantes, visto que trabalhamos em turmas relativamente homogêneas em relação à faixa etária, ou seja, nossos dados são de alunos da 8ª série do ensino fundamental, cuja idade gira em torno de 13 a 15 anos e da 3ª série do ensino médio, cujos alunos têm por volta de 17 a 20 anos, constituindo, assim, duas faixas etárias coincidentes com a escolaridade dos mesmos.

Após a seleção dos informantes e coleta dos dados, fizemos a análise das produções textuais e o levantamento das que continham ocorrências dos verbos *ter* e/ou *haver* em contextos existenciais. Ao todo, obtivemos 108 ocorrências, dados estatisticamente tratados pelos programas computacionais do VARBRUL.

Para uma melhor análise dos dados, planejamos um sistema de codificação das ocorrências. Assim, os códigos apresentados entre parênteses, após os exemplos, referem-se às seguintes orientações de ordenação do *corpus*: um número (8 ou 3) representando 8ª série do ensino fundamental ou 3ª série do ensino médio; uma letra N seguida de um número que representam uma redação específica; uma letra L seguida de um número que representam a linha de ocorrência do fenômeno e, finalmente, uma letra (M ou F) representando o sexo do aluno. Por exemplo, a codificação 8N3L7M nos diz que se trata de um texto produzido por um aluno da 8ª série, que foi ordenado na terceira posição, que a ocorrência do fenômeno se deu na linha sete e que o autor do texto é do sexo masculino.

3.3. Variável dependente e variáveis independentes

Para que os dados pudessem ser tratados pelo pacote computacional

VARBRUL, delineamos a variável dependente e as variáveis independentes. Guy e Zilles (2007) explicam que a variável dependente é vista como as diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto com o mesmo valor de verdade, enquanto que as variáveis independentes são fatores que potencialmente influenciam na realização de uma ou outra forma variante durante o processo de variação.

Nossa variável dependente é composta por uma variável binária, tendo em vista que possuímos duas formas alternantes com o mesmo significado que ocorrem no mesmo contexto, a saber, as realizações do verbo *ter* (variante inovadora) e do verbo *haver* (variante conservadora) com o sentido de existir, a exemplo de:

(40) *Tem* médico chato que não explica tudo ao doente. (8N3L7M)³⁵

(41) *Tinha* um moço esperando por ele. (3N84L1F)

(42) *Há* muito assalto aqui no estado. (3N96L4F)

(43) Sempre *havia* brigas e outras coisas. (3N99L7M)

Partindo do pressuposto de que a variação dos verbos *ter* e *haver* em contextos existenciais ocorre em função de condicionamentos lingüísticos e sociais, controlamos sete grupos de fatores – cinco lingüísticos e dois sociais. Essas variáveis independentes, potencialmente relevantes, foram selecionadas com base em informações fornecidas por meio de estudos anteriores e em observações assistemáticas dos dados.

Como variáveis independentes intralingüísticas, consideramos os seguintes fatores lingüísticos: tema textual, tipo textual, tempo verbal, animacidade do SN objeto e natureza do SN objeto, e como variáveis

³⁵Os exemplos pertencentes ao *corpus* da pesquisa estão transcritos da mesma maneira que foram produzidos pelos alunos.

independentes extralingüísticas, analisamos os fatores sociais escolaridade e sexo.

a) Tema textual

Selecionamos a variável tema textual com o objetivo de analisar se os temas propostos para as elaborações das produções textuais interferem no uso dos verbos *ter* e *haver* em contextos existenciais. Para tanto, dividimos nossa variável em dois fatores, a saber, temas relacionados a experiências pessoais dos alunos e temas não relacionados a tais experiências.

Labov (1983) aponta que não existe falante de estilo único. Há falantes que possuem um campo de alternância mais amplo do que outros, porém todos modificam algumas variáveis à medida que muda o contexto e o tema.

O autor considera que um tema que relata experiências vividas pelos informantes pode apresentar maior probabilidade para a ocorrência de um discurso livre e espontâneo. É o caso, por exemplo, do tema “perigo de morte” que tende a apresentar um discurso mais casual e menos monitorado.

Como exemplos relacionados a temas que podem apresentar um discurso menos monitorado, e, por isso, mais favorável ao uso de regras variáveis, temos os seguintes relatos relacionados a experiências pessoais dos alunos:

(44) Uma das melhores festas que eu fui, foi da minha prima foi o aniversário de 15 anos, foi quase toda família. *Tinha* uns familiares que eu nem conhecia foi bom porque os conheci e revi gente que não via há 5 anos até 7 anos, foi bom! (8N45L3M)

(45) Estava no show da saia rodada no Jaraguá foi muito divertido. *Tinha* muita gente estava lotado, mas foi bem legal. (8N46L2M)

(46) Estava descendo a ladeira da Catedral, não *tinha* ninguém naquele local, quando fui abordado, pensei que era um conhecido, mas enganei-me, na verdade era um assaltante. (8N87L6M)

Bortoni-Ricardo (2005) elenca quatro fatores que influenciam no grau de planejamento da linguagem. Dentre eles, está a complexidade cognitiva envolvida na produção lingüística, ou seja, um tema abordado que apresente uma maior dificuldade cognitiva para o informante favorece o uso de um discurso mais cuidado e, por isso, mais monitorado.

A título de ilustração, consideramos os exemplos abaixo que classificamos como temas não relacionados a experiências pessoais dos alunos, que podem, dessa forma, serem mais favoráveis ao uso da variante conservadora *haver existencial*.

(47) Atualmente, são discutidas maneiras de modificar a bula. Tornar mais clara e simples a sua linguagem, é, de fato, essencial, tendo em vista que a maior parte dos consumidores não possuem formação e escolaridade suficiente para compreendê-la. *Há* também outros problemas como o tamanho das letras, que são minúsculas. (3N65L10F)

(48) Num país imenso como o nosso, *há* diferentes formas de pronunciar as palavras e o próprio vocabulário admite expressões regionais – o mesmo acontecendo com a linguagem de outros países. (3N73L7M)

(49) Mas essa não é a única razão. Podemos citar outra: no país em que vivemos *há* muitas variações de expressões. Pois essas expressões variam de região para região. Então, podemos dizer que o

objetivo da língua portuguesa é tornar uma única expressão.
(3N84L11F)

Desse modo, analisamos se as produções textuais relacionadas a histórias pessoais dos alunos (a violência na cidade e o encontro esperado) favorecem o uso da variante *ter existencial* e se as produções não relacionadas a tais experiências (a importância de se estudar língua portuguesa e a linguagem da bula de remédio) caracterizam-se como mais favorecedoras à variante *haver existencial*.

b) Tipo textual

Objetivamos analisar a variável tipo textual com a intenção de verificar se o tipo textual proposto para a elaboração escrita das produções textuais influencia na escolha que o informante faz entre as variantes *ter* e *haver* em contextos existenciais no *corpus* em análise.

Marcuschi (2003) não só diferencia tipos textuais de gêneros textuais, mostrando que os tipos são seqüências de enunciados definidas por propriedades lingüísticas de sua composição presentes no interior dos gêneros, ao passo que os gêneros são textos empiricamente realizados e definidos por propriedades sócio-comunicativas, como também classifica os tipos textuais em narração, argumentação, exposição, descrição e injunção.

(a) Usamos a expressão *tipo textual* para designar uma espécie de seqüência teoricamente definida pela *natureza lingüística* de sua composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas}. Em geral, os *tipos textuais* abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: *narração*, *argumentação*, *exposição*, *descrição*, *injunção*.

(b) Usamos a expressão *gênero textual* como uma noção

propositalmente vaga para referir os *textos materializados* que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características *sócio-comunicativas* definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Se os tipos textuais são apenas meia dúzia, os gêneros são inúmeros. Alguns exemplos de gêneros seriam: *telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio [...]* (MARCUSCHI, 2003, p. 22 e 23).

Para a análise da variável tipo textual, consideramos apenas os tipos narrativo e argumentativo. Por narrativo, entendemos aquele texto que relata progressivas mudanças de estado que ocorreram através do tempo, apresentando, assim, uma relação de anterioridade e posterioridade entre os episódios relatados, não sendo possível alterar a seqüência dos enunciados sem inferir no sentido global do texto, a exemplo de:

(50) Um belo dia em uma rua *havia* uma mulher no trânsito. Nesse mesmo dia *havia* uma multidão. A polícia estava ali perto e ouviu gritos, ruídos e quando chegou lá era uma multidão querendo bater num assaltante que tinha roubado a bolsa da mulher que estava no trânsito. (8N30L1M)

(51) Na tarde de quinta-feira uma mulher foi abordada por dois homens numa rodovia em Maragogi. Ela foi morta pelos homens, estuprada e enterrada no quintal da própria casa. Quando o marido da mulher chegou em casa ela não estava. Então ele procurou nas ruas, nas praças e nada. Quando chegou em casa novamente ele sentiu um cheiro estranho e sangue no tapete. Quando olhou no quintal *havia* um buraco e pás ao redor do buraco. (8N29L12M)

(52) Um certo dia, recebi uma proposta para ir a um show, fiquei em dúvida mas acabei aceitando, era no domingo a noite às vinte horas. Arrumei-me e fiquei esperando meus colegas que iam passar para me levar às dezenove e meia eles chegaram, fomos então para o show.

Quando chegamos *tinha* uma multidão a espera que abrissem os portões [...]. (3N100L9M)

Já por dissertativo, consideramos aquele texto em que os dados da realidade são analisados e interpretados por meio de conceitos abstratos, ou seja, a referência aos fatos é feita através de conceitos amplos, de modelos genéricos, muitas vezes abstraídos do tempo e do espaço. Aqui, o enunciador manifesta sua opinião ou julgamento por meio de conceitos (PLATÃO; FIORIN, 2003). Como exemplos, temos os seguintes textos:

(53) *Há* pessoas que se complicam na leitura e até mesmo esquecem, coisa muito importante de ler. Mas a bula ela é também importante para a sociedade, porque explica como tomar o remédio, indica a hora e outras coisas importantes. (8N12L7F)

(54) Ler é mais do que necessário assim como estudar a Língua Portuguesa, como você pode ler e escrever sem ter estudado a língua portuguesa? Não *tem* como. A língua portuguesa está em tudo, no nosso dia-a-dia, está em placas, paredes, livros, melhor dizendo em tudo! (8N15L12M)

(55) Sem educação não *há* solução. As coisas continuam como têm acontecido, contrariando a idéia de civilização, negando as idéias de humanidade, afrontando os valores humanos. (3N58L10M)

Callou e Avelar (2000) apontam que observações assistemáticas sugerem que *haver existencial* é mais freqüente que *ter existencial* em textos do tipo narrativo. Isso pode ser explicado pelo fato de o verbo *haver*, no Português oral, ter se tornado um verbo típico de narração.

Nesse contexto, nossa hipótese, para a análise desta variável, é a de que o tipo de texto narrativo é mais favorável ao uso de *haver existencial*, enquanto que o tipo de texto argumentativo é mais inibidor, favorecendo, assim, o uso de *ter existencial*.

c) Tempo verbal

Objetivamos analisar a variável tempo verbal com a intenção de verificar se o tempo expresso pela forma do verbo influencia na escolha que o informante faz entre as variantes *ter* e *haver existenciais* no *corpus* em estudo. Para tanto, subdividimos os paradigmas verbais em dois fatores, a saber, passado e presente.

No fator passado está a forma do pretérito imperfeito do indicativo e no fator presente temos a forma verbal do presente do indicativo. Consideramos apenas essas duas formas verbais porque temos como objeto de estudo os usos dos verbos *ter* e *haver* com sentido de existir. Outras formas verbais mostram que tais verbos também podem ser interpretados com sentidos de ocorrer e acontecer, e, por esse motivo, não foram computadas, a exemplo de:

(56) Foi bem legal porque não *houve* brigas e nem tumulto.

(8N46L4M)

(57) *Teve* uma festa da minha prima, foi ótimo, foi perto da minha casa. (8N48L1M)

(58) E logo vi que *teria* um grande show. (3N107L3F)

(59) Certo dia estava conversando com os meus amigos na praça e escutamos no rádio do carro que *haveria* um show maravilhoso

(3N110L6F).

Desse modo, o fator passado é compreendido como aquele que engloba os tempos verbais usados para relatar eventos, estados ou processos já ocorridos. Callou e Avelar (2000) explicam que os tempos verbais do sistema passado, por serem verbos típicos de narração, são mais favorecedores às ocorrências com o verbo *haver existencial*, a exemplo de:

(60) *Havia* muitas pessoas no ponto quando um homem pegou uma arma e matou outro cara. (3N96L6F)

(61) Lá não *havia* confusão e nem bebidas alcoólicas. (3N107L15F)

(62) *Havia* uma garota de apenas 6 anos, que se chamava Polyana. (3N92L1F)

Já o fator presente é entendido como aquele em que o tempo expresso pela forma verbal apresenta simultaneidade entre o momento do evento (ME), o momento da fala (MF) e o momento da referência (MR), conforme Fiorin (1996).³⁶

Estudos lingüísticos não só apontam que essa definição tem a vantagem de interpretar todas as formas do presente sem recorrer a regras especiais ou a usos excepcionais, como também mostram que construções no presente são mais favoráveis ao uso do verbo *ter existencial*, a exemplo de:

(63) *Tem* pessoas que não estudam nada. (8N17L7M)

(64) Na língua portuguesa *tem* regras de A a Z, ou seja, pra tudo.

³⁶ Fiorin (1996) explica que o momento do evento é o momento em que se dá o evento descrito, é o tempo da predicação; o momento da fala é o momento da comunicação, da realização da fala; e o momento da referência é o tempo da referência, é o sistema temporal fixo que permite ao falante definir simultaneidade e anterioridade.

(8N28L8F)

(65) Contudo, *tem* várias formas de reprodução e apresentação, dependendo assim do local onde é pronunciada. (3N72L3M)

Santos (1999) mostra que as formas verbais expressas no tempo passado, por serem morfologicamente mais marcadas, favorecem o emprego da norma padrão, enquanto que formas verbais no tempo presente, por serem menos marcadas, condicionam o uso da forma não-padrão.

Dessa forma, partimos do pressuposto de que as formas verbais expressas no tempo passado são mais favoráveis à manutenção de *haver existencial*, enquanto que o tempo expresso com valor de presente apresenta uma maior ocorrência de *ter existencial*.

d) Animacidade do SN objeto

Caracterizada como um fator semântico-discursivo relevante em análises que lidam com sintagmas nominais e demais elementos estruturais, a maioria dos estudos lingüísticos mostra que a animacidade desponta como sendo uma das variáveis mais significativas em pesquisas sobre variação lingüística.

Assim, com o intuito de analisar se os traços [+ animado] ou [- animado] interferem na variação em estudo, não só classificamos os SN objetos em animado e não-animado, como também dividimos a variável animacidade do SN objeto em dois fatores, a saber, animado e inanimado, a exemplo de:

- SN objeto animado

(66) *Tinha* uma mulher no ponto quando um bandido puxou a arma e

levou a bolsa dela. (8N41L1F)

(67) Além de que *tinha* muitas pessoas. (3N109L6F)

(68) *Havia* uma garota de 6 anos, que se chamava Polyana.
(3N92L1F)

(69) *Havia* muitas pessoas no ponto quando um homem pegou uma arma e matou outro cara. (3N96L6F)

- SN objeto inanimado

(70) Eles estavam pedindo a bolsa que lá *tinha* o celular e ela acabou dando e ficou lá parada. (8N42L5M)

(71) Na bula *tem* palavras complicadas. (8N3L2M)

(72) Quando olhou no quintal *havia* um buraco e pás ao redor do buraco. (8N29L12M)

(73) Sem educação não *há* solução. (3N58L10M)

Lopes (2003) explica que a classificação dos elementos da língua em animado e inanimado foi realizada pelo semanticista Pottier em 1963, no artigo intitulado *Recherches sur l'analyse sémantique en Linguistique et en traduction mécanique*. Nesse artigo, Pottier procura indicar os elementos que fossem capazes de preencher as três primeiras classes em que divide todos os sememas da língua: a classe dos objetos, a dos animais e as das pessoas.

De acordo com Pottier (1963), a classe dos objetos compreende todos os substantivos dotados do clasema [- animado], já as classes dos animais e das pessoas pertencem todos os substantivos dotados do clasema [+ animado]. Nesse contexto, os SN objetos analisados que representam animais e pessoas foram classificados em animados, enquanto que SN objetos que representam coisas/objetos foram classificados em inanimados.

Estudos sociolingüísticos apontam que um referente com traço [+animado] não só se caracteriza como um SN prototípico, ocorrendo em maior escala em sentenças básicas, como também é tido como mais favorecedor de regras variáveis, por poder caracterizar-se como agente da oração, enquanto que um referente [-animado] é visto como menos favorecedor de tais regras, por não poder caracterizar-se como tal.

As pesquisas de Callou e Avelar (2000), Dutra (2000), Silva (2004) e Vitória (2007), sobre o comportamento variável dos verbos *ter* e *haver* em contextos existenciais, apontam que SN objeto com traço [+animado] é mais favorecedor do uso do verbo *ter existencial*, apresentando percentuais de 83%, 83,05%, 95% e 95%, respectivamente.

Desse modo, acreditamos, assim como Callou e Avelar (2000), Dutra (2000), Silva (2004) e Vitória (2007), que o fator animado será mais favorável ao uso da forma inovadora *ter existencial*, enquanto que o fator inanimado será mais inibidor de tal ocorrência.

e) Natureza do SN objeto

Com o intuito de analisar se a natureza concreta ou abstrata do sintagma nominal objeto interfere na variação em estudo, subdividimos a variável natureza do SN objeto em dois fatores, a saber, SN objeto concreto e SN objeto abstrato. Assim, para tal análise, classificamos esses sintagmas em substantivos concretos e abstratos.

Dentre as classificações dos substantivos postas pela tradição gramatical, encontramos as classes de substantivo concreto e substantivo abstrato. Um substantivo concreto é aquele que designa os seres propriamente

ditos, de existência real ou irreal, como casa, caneta, saci. Enquanto que um substantivo abstrato é aquele que designa os seres que não existem por si só, só existem em nossa consciência, como trabalho, corrida, estudo, altura (TERRA, 2002).

Bechara (2001, p. 113) explica que os substantivos concretos são os que nomeiam pessoas, animais, vegetais, minerais e coisas, possuindo, dessa forma, existência independente, já os substantivos abstratos são aqueles que possuem existência dependente e designam ação, estado e qualidade.

Os exemplos abaixo ilustram as ocorrências de *ter* e *haver existenciais* ao lado de sintagmas nominais classificados em substantivos concretos e abstratos:

- SN objeto concreto

(74) Chegamos bem, estava muito animado e *tinha* muitos gatinhos.

(3N108L9F)

(75) Além de que *tinha* muitas pessoas. (3N109L6F)

(76) *Há* pessoas menos escolarizadas que não conseguem fazer a leitura da bula. (3N64L5F)

(77) Quando voltei para festa *havia* muitas viaturas policiais e bombeiros. (8N43L13M)

- SN objeto abstrato

(78) *Tinha* muita resenha, fui eu, minhas tias e primas, não foi só Calcinha Preta mas sim Karisma e outras bandas. (8N54L6F)

(79) *Tem* vários tipos de manifestação de violência urbana, atualmente. (3N96L1F)

(80) Sem educação não *há* solução. (3N58L10M)

(81) Sempre *havia* brigas e outras coisas. (3N99L7M)

Dutra (2000) mostra que objetos abstratos propiciam a utilização de *haver existencial* com 64,9% de ocorrências ao passo que os objetos concretos influenciam sensivelmente o verbo *ter* com 74,7% de ocorrências. Callou e Avelar (2000) também mostram que argumentos internos com traços [+ abstrato] favorecem o uso de *haver existencial*.

Isso pode ser um indício de que construções existenciais formadas com os verbos *ter* e *haver* estejam selecionando *haver existencial* antes de um argumento interno visto como abstrato. Nesse contexto, pretendemos analisar se um SN objeto abstrato é mais favorável ao uso de *haver existencial* e se um SN objeto concreto é mais inibidor de tais ocorrências.

f) Escolaridade

Tendo em vista que a escolarização constitui um fator social significativo na exclusão ou manutenção das formas gramaticais, selecionamos a variável escolaridade com o intuito de verificar se o uso dos verbos *ter* e *haver* em contextos existenciais é condicionado pelo nível escolar dos alunos.

Estudos sociolinguísticos apontam que pessoas mais escolarizadas tendem a usar mais a forma padrão, havendo então uma correlação: maior escolaridade, maior uso das formas consideradas de prestígio, menor escolaridade, menor uso da forma padrão.

Assim, o estudo desta variável não só permite verificar o nível de consciência lingüística do falante e a freqüência de estilos variantes que há no sistema, como também explica o papel da escola na modificação do

comportamento lingüístico de uma comunidade.

Com relação ao comportamento variável dos verbos *ter* e *haver existenciais*, pesquisas sociolingüísticas apontam que é possível afirmar que o verbo *haver* com sentido de existir já não faz mais parte do processo natural de aquisição da linguagem. A criança, nesse caso, só adquire tal construção durante o seu aprendizado escolar, ou seja, durante o processo de aquisição da língua escrita.

Em seu estudo sobre a *variação ter/haver na fala pessoense*, Silva (2004) mostra que os falantes com menos anos de escolarização são os que mais aplicam a variante inovadora *ter existencial*, ressaltando, dessa forma, que o acesso às normas lingüísticas determina na escolha das variantes lingüísticas.

Como as escolas, de um modo geral, primam pelo ensino da norma padrão e pelo uso das variantes de prestígio, Votré (2003) considera que a instituição escolar gera mudanças na fala e na escrita não só das pessoas que a freqüentam, como também nas comunidades lingüísticas dessas pessoas.

Cabe destacar e atribuir à escola um mérito nada desprezível: o de ser responsável por uma parcela relevante da tarefa socializadora que o uso de uma língua nacional, de prestígio, requer. A escola, sozinha, não faz a mudança, mas mudança alguma se faz sem o concurso da escola (VOTRÉ, 2003, p. 56).

O autor considera que para a pesquisa da variável escolaridade são necessárias algumas distinções presentes na dinâmica social em que interage a escola: forma de prestígio social; fenômeno estigmatizado e fenômeno imune à estigmatização; objeto de ensino escolar e os que escapam do ensino; fenômenos situados no nível do discurso e os que inserem no interior da gramática; o tipo de ensino – produtivo, descritivo e normativo; e, por fim, o ato comunicativo que se divide em fala e escrita.

Embora o uso de *ter existencial* não seja visto como um fenômeno

estigmatizado pela sociedade, pois a todo momento encontramos falantes de diferentes níveis de escolarização fazendo uso de tal variação, sua utilização quase não é abordada pela instituição educacional, ou, quando abordada, sua possibilidade de uso se restringe à língua falada, sendo seu uso descartado na língua escrita.

Dessa forma, para a análise da variável escolaridade, trabalhamos com os fatores ensino fundamental (representado pela 8ª série) e ensino médio (representado pela 3ª série) e acreditamos ser este fator mais favorável à aplicação da norma padrão *haver existencial* do que aquele, ou seja, os alunos mais escolarizados utilizam mais o verbo *haver existencial*.

g) Sexo

Diversos estudos sócio-variacionistas abordam a variável sexo como um dos fatores que condicionam a heterogeneidade e a variabilidade da língua. Esses estudos não só indicam que homens e mulheres diferem quanto ao uso dos padrões lingüísticos, como também apontam que falantes do sexo feminino são mais sensíveis às formas de maior prestígio, demonstrando, dessa forma, uma maior preferência pelas variantes lingüísticas mais prestigiadas socialmente.

Sendo a língua um fenômeno social e intimamente relacionada a atitudes sociais, Labov (1983) aponta que as diferenças lingüísticas entre homens e mulheres estão relacionadas aos seus comportamentos sociais. Homens e mulheres são socialmente diferentes porque a sociedade lhes confere papéis distintos e, por isso, espera que utilizem padrões de comportamentos também distintos.

Em seus estudos, o autor assinala que, no discurso cuidado, as

mulheres empregam menos as variantes estigmatizadas do que os homens, caracterizando-se como mais sensíveis aos valores sociais que condicionam o uso da língua. Tal característica pode ser atribuída não só ao fato das mulheres serem mais receptivas à atuação da norma escolar, como também pela responsabilidade na educação dos filhos, que pede que detenham um comportamento lingüístico mais esmerado.

Paiva (2003) considera que o trabalho com a variável gênero/sexo deve levar em consideração o prestígio atribuído pela comunidade às variantes lingüísticas e a forma de organização social dessa comunidade. A autora coloca que os papéis sociais que cada comunidade atribui a homens e mulheres influenciam no uso da língua. Como exemplo, ela cita o estudo realizado por Haeri (1987), em diferentes comunidades muçulmanas, que mostra que são as mulheres que fazem mais uso das formas lingüísticas não prestigiadas pela comunidade.

Em nossa pesquisa, decidimos controlar a variável sexo com o intuito de verificar se o comportamento lingüístico dos alunos do sexo masculino, com relação à variação em estudo, é mais favorecedor ao uso da forma inovadora *ter existencial*.

Contrária à hipótese aqui adotada, Dutra (2000) e Silva (2004) mostram que são os falantes do sexo feminino os que usam mais a forma inovadora *ter existencial* do que os falantes do sexo masculino. Esses resultados mostram que os homens optam mais pelo uso do padrão *haver existencial*.

3.4. VARBRUL: tratamento estatístico

A Teoria da Variação Lingüística (LABOV, 1983) é também conhecida por Sociolingüística Quantitativa porque trabalha com modelos matemáticos dando

tratamento estatístico e probabilístico aos dados lingüísticos e extralingüísticos variáveis.

Assim, com o objetivo de analisar o comportamento variável dos verbos *ter* e *haver existenciais*, os dados coletados foram analisados quantitativamente pelos programas do pacote VARBRUL, os quais produzem resultados numéricos associados ao peso relativo de cada fator do fenômeno variável, possibilitando, dessa forma, saber se os grupos arrolados são estatisticamente significativos.

O programa Variable Rule Analyses, identificado como VARBRUL, é um modelo logístico de análise de dados que foi proposto por David Sankoff (1978), com o intuito de implementar a proposta de William Labov quanto ao tratamento dos fenômenos variáveis, e é constituído por um conjunto de 10 programas, a saber, *Checktok*, *Readtok*, *Makecell* ou *Make3000*, *Ivarb* ou *Varb2000*, *Tvarb*, *Mvarb*, *Crosstab* ou *Cros3000*, *Tsort*, *Textsort* e *Countup* (SCHERRE; NARO, 2003).

Para nossa pesquisa, utilizamos apenas os programas *Checktok*, *Readtok*, *Make3000* e *Varb2000*. Os dois primeiros preparam os dados de acordo com os arquivos de especificação e condição, enquanto que o *Make3000* monta as células e faz os cálculos percentuais, e o *Varb2000* oferece os cálculos probabilísticos.

A versão do VARBRUL aqui descrita e utilizada é a de 1988, desenvolvida por Suzan Pintzuk, que aperfeiçoou o programa, adaptando-o para microcomputadores do tipo IBM, passando, então, a denominá-lo de VARBRUL 2S.

O pacote de programas do VARBRUL tem a capacidade de realizar tanto análises de ordem binária quanto análises de ordem eneária. A binária se caracteriza pela análise de duas variantes e a eneária pela análise de três a cinco variantes. Na análise binária, o valor de referência intermediária de pesos relativos é 0,50 e o programa não só projeta esses pesos, como também seleciona as

variáveis em função de sua relevância. Já na análise eneária, o programa também seleciona as variáveis em função de sua relevância e projeta os pesos relativos para as três ou mais variantes, com a diferenciação de que para a análise de três variantes o peso relativo de referência é 0,33; na de quatro variantes o peso é de 0,25 e na de cinco o peso relativo é de 0,20.

Dessa forma, após a coleta de dados, fizemos a análise das produções textuais e o levantamento das que continham ocorrências variáveis dos verbos *ter* e/ou *haver* com sentido de existir. Em seguida, antecedendo à fase de codificação dos dados, planejamos um sistema de codificação dos dados, atribuindo símbolos não só a variável dependente, mas também a todos os fatores arrolados como condicionantes do fenômeno em estudo.

Após a codificação de cada ocorrência selecionada, a etapa seguinte foi a digitação dos dados, realizada no programa computacional *QEDIT*. O *QEDIT* é um editor de texto cuja função é armazenar e manipular arquivos de dados, arquivo de especificação e arquivos de condições. De acordo com Votre (1991), esse editor de texto é perfeitamente adequado para tais funções.

Feita a digitação dos dados, criamos um arquivo de especificação com o objetivo de elencar todos os símbolos usados na codificação dos fatores. Nesse arquivo, apresentamos todas as especificações relevantes para que o *VARBRUL* identificasse a variável dependente e as variáveis independentes, e verificasse se houve erro de codificação. Fez-se também necessário criar um arquivo de condições, especificando todos os grupos de fatores que o programa processará.

Na fase da análise estatística dos dados, o *Checktok*, primeiro programa a ser rodado, teve por funções identificar falhas de digitação no arquivo de dados ou no de especificação de fatores e gerar os dados corrigidos. Em seguida, utilizamos o *Readtok*, responsável pela leitura de todas as ocorrências do arquivo de dados e pelo agrupamento em um só arquivo dos diversos arquivos

corrigidos.

Esse programa funciona como um *input* para o *Make3000*, terceiro programa a ser utilizado, que, por sua vez, não só calculou o número de ocorrências e as percentagens de aplicação de cada fator, como também preparou os dados para serem lidos pelo *Varb2000*, último programa a ser rodado. O *Varb2000* projetou os pesos relativos de cada fator levantado para análise e selecionou as variantes por ordem de importância estatística.

Neste último programa, encontramos níveis de análises variados. O primeiro nível apresentado pelo *Varb2000* é o *Nível 0*, que teve como principal objetivo calcular a probabilidade de aplicação da regra. No *Nível 1*, tivemos não só o cálculo do peso relativo dos fatores de cada uma das variáveis analisadas isoladamente em relação ao seu *input*, como também os cálculos de sua verossimilhança máxima (*log likelihood*) e de sua significância (*significance*).

A partir do *Nível 1*, o programa realizou a seleção de uma das variáveis mais significativa através de um teste entre todas as variáveis propostas na análise e no *Nível 2*, o programa trabalhou com esta variável selecionada observando o seu comportamento em correlação com cada uma das demais variáveis, numa interação duas a duas, estabelecendo, dessa forma, o seu *log likelihood* e sua significância.

O *Varb2000*, novamente, selecionou uma segunda variável e o mesmo processo se repetiu, não só incluindo e comparando nas rodadas cada uma das variáveis, como também destacando a mais relevante de cada um dos grupos em análise e colocando-as em interação com as demais. O processo se repetiu até o momento em que a adição de um determinado grupo de fatores não contribuía com significância estatística para o modelo. Esse processo de seleção das variáveis é denominado de *step-up*.

Após o processo de seleção das variáveis estatisticamente

significativas para o fenômeno em estudo, o *Varb2000* executou o procedimento de seleção inverso, eliminando as variáveis menos significativas no processo de variação. Quando um dos grupos é eliminado, o programa faz a verificação dos demais grupos não significativos, um a um. Esse processo é denominado de *step-down* (BRESCANCINI, 2002).

A análise dos dados nos níveis *step-up* e *step-down* apresentou que dos sete fatores selecionados como potencialmente relevantes na variação *ter/haver existenciais* na escrita dos alunos do ensino fundamental e médio da cidade de Maceió apenas dois fatores, escolaridade e tempo verbal, foram selecionados pelo programa como estatisticamente significativos.

Mesmo sendo um programa computacional bastante importante na verificação estatística de fenômenos variáveis, Scherre e Naro (2003) não só apontam que os resultados obtidos pelo pacote de programas VARBRUL só tem valor estatístico, sendo o valor lingüístico atribuído e interpretado pelo lingüista, como também afirmam que

[...] o conjunto de pesos relativos estatisticamente significativo é aquele que contém, ao mesmo tempo, todas as variáveis selecionadas num mesmo nível de análise. É este conjunto de pesos relativos que deve ser usado para comporem-se as tabelas ou os gráficos de resultados e tecerem-se as considerações sobre a análise efetuada, com base nas hipóteses levantadas. Os demais pesos relativos podem e devem ser usados como indicadores, para conjecturas, sem, entretanto, haver nenhum valor estatisticamente significativo (SCHERRE; NARO, 2003, p. 166).

Dessa forma, o VARBRUL se define como um importante suporte quantitativo de investigação variacionista que categoriza as ocorrências e indica os possíveis condicionamentos que podem ocorrer no fenômeno lingüístico variável, classificando-se como um facilitador do trabalho do pesquisador. No entanto, é tarefa do pesquisador ter necessário conhecimento de todo o processo para a interpretação dos resultados obtidos.

CAPÍTULO 4 – Descrição e análise dos dados

Neste quarto capítulo, apresentamos os resultados estatísticos obtidos através das rodadas realizadas pelo VARBRUL. Para tanto, mostramos, primeiramente, a frequência geral das variantes *ter existencial* e *haver existencial* ocorridas na escrita de alunos dos ensinos fundamental e médio da cidade de Maceió e, em seguida, apresentamos os resultados das variáveis estatisticamente não significativas e das variáveis estatisticamente significativas selecionadas pelo VARBRUL.

Para a seleção dessas variáveis em significativas e não-significativas na variação em estudo, realizamos duas rodadas diferenciadas. Na primeira rodada, consideramos o verbo *ter existencial* como fator de aplicação da regra e, na segunda rodada, consideramos o verbo *haver existencial*. Tanto na primeira rodada quanto na segunda rodada o VARBRUL apresentou os seguintes dados:

a) variáveis estatisticamente não significativas para a variação *ter/haver existenciais* na escrita de alunos dos ensinos fundamental e médio da cidade de Maceió, por ordem de eliminação:

1. Tipo textual
2. Sexo
3. Natureza do SN objeto
4. Tema textual
5. Animacidade do SN objeto

b) variáveis estatisticamente significativas para a variação *ter/haver existenciais* na escrita de alunos dos ensinos fundamental e médio da cidade de Maceió, por ordem de relevância:

1. Escolaridade
2. Tempo verbal

4.1. Variável dependente

Partindo do pressuposto de que o comportamento variável dos verbos *ter* e *haver existenciais* no *corpus* em estudo não é aleatório e sim condicionado por fatores de ordem lingüística e social, analisamos um total de 108 ocorrências de *ter* e *haver* com sentido de existir na escrita de alunos dos ensinos fundamental e médio da cidade de Maceió, conforme a tabela 2:

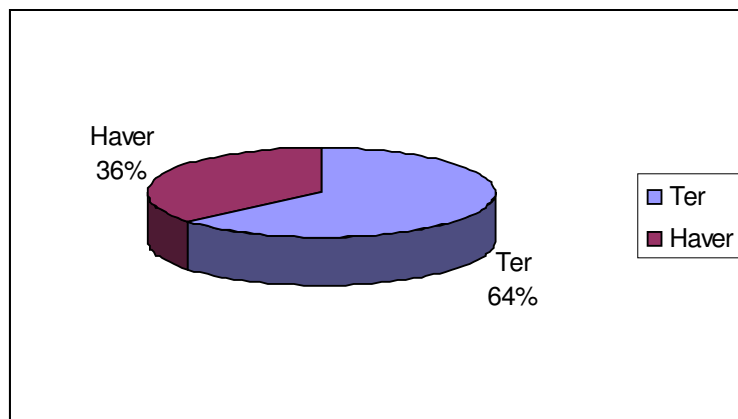
Tabela 2: Total de ocorrências de *ter* e *haver* na escrita de alunos dos ensinos fundamental e médio da cidade de Maceió/ AL

Variantes	Total de ocorrências	Percentuais
Ter	69	64%
Haver	39	36%
Total	108	100%

Dentre as 108 ocorrências totais de estruturas analisadas, obtivemos 69 ocorrências realizadas com o verbo *ter existencial* e 39 realizadas com o verbo *haver existencial*. Esses resultados nos mostram um percentual de 64% dos casos com o verbo *ter* contra 36% de uso do verbo *haver*, conforme ilustramos com o

gráfico 1:

Gráfico 1: Total de ocorrências de *ter* e *haver* na escrita de alunos dos ensinos fundamental e médio da cidade de Maceió/ AL



(82) Mais fácil, porque *tem* pessoas que precisam da consulta da bula.

(8N8L1F)

(83) *Há* pessoas que se complicam na leitura da bula e até mesmo esquecem coisas muito importantes de ler. (8N12L7F)

(84) Não *tinha* ninguém naquele local, quando fui abordado.

(3N87L6M)

(85) Enquanto a menina andava assustada, começou a ouvir alguém chamá-la, ela olhou para trás, mas a única pessoa que *havia* na rua além dela era um desconhecido. (3N93L13F)

Os dados obtidos não só indicam que há variação dos verbos *ter* e *haver* em contextos existenciais no *corpus* analisado, como também mostram que a frequência do verbo *ter* é maior do que a ocorrência de *haver*, contrariando, dessa forma, nossa hipótese de que sendo a língua escrita, por nós analisada, um discurso mais monitorado e, por isso, mais favorável ao uso da forma conservadora

haver existencial, construções com o verbo *ter* ocorreriam em menor escala.

Esses resultados corroboram com a afirmação de Franchi et al (1998) de que a distribuição dos verbos em orações existenciais mostra o privilégio das construções com *ter* sobre *haver* e *existir*, e com os resultados das pesquisas sociolinguísticas sobre variação *ter/haver existenciais*, que indicam que *ter* é o verbo mais utilizado tanto na língua falada quanto na língua escrita.

4.2. Variáveis estatisticamente não significativas

Dos sete grupos de fatores selecionados como potencialmente relevantes para a variação *ter/haver existenciais* na escrita de alunos dos ensinos fundamental e médio da cidade de Maceió, cinco foram considerados estatisticamente não significativos, a saber, tipo textual, sexo, natureza do SN objeto, tema textual e animacidade do SN objeto.

Apesar desses fatores se mostrarem menos significativos no comportamento variável em estudo, acreditamos na importância da apresentação dos seus resultados, uma vez que podemos descrever a maneira como os verbos *ter* e *haver* com sentido de existir se comportam no *corpus* em análise.

Guy e Zilles (2007, p. 214) apontam que a falta de significância estatística de uma dada variável já é uma resposta à pergunta do pesquisador, pois ao descrever um determinado fenômeno linguístico tanto as variáveis significativas como as não significativas apresentam o comportamento do fenômeno analisado, sendo, portanto, tarefa do pesquisador mostrar os resultados tanto de significância estatística quanto os de não significância estatística.

Nesse contexto, são os resultados das variáveis estatisticamente não significativas que apresentamos nesta seção. Para tanto, seguimos a ordem de

eliminação dessas variáveis estabelecida pelo VARBRUL. Tabelas e gráficos são usados para melhor visualização dos resultados.

4.2.1. Tipo textual

A variável tipo textual foi o primeiro fator lingüístico descartado pelo VARBRUL como não influente na variação em estudo. Para a análise desta variável, trabalhamos com os fatores tipo de texto narrativo e tipo de texto dissertativo e acreditamos ser o fator texto dissertativo mais favorável ao uso do verbo *ter existencial* do que aquele.

(86) Ler é mais do que necessário assim como estudar a Língua Portuguesa, como você pode ler e escrever sem ter estudado a língua portuguesa? Não *tem* como. A língua portuguesa está em tudo, no nosso dia-a-dia, está em placas, paredes, livros, melhor dizendo em tudo! (8N15L12M)

(87) As bulas deveriam ser mais simplificadas, somente contendo informações necessárias ao consumidor assim facilitaria a leitura e o entendimento da população. Em especial, *tem* as pessoas de maior idade que sentem muita dificuldade com as letras mínimas exibidas na bula, justamente as que mais tendem a precisar de medicamentos. (3N66L5F)

De acordo com Callou e Avelar (2000), observações assistemáticas apontam que o verbo *haver existencial* está se tornando um verbo típico de narração, ocorrendo em maior escala em contextos narrativos. Assim, nossa

hipótese geral é a de o verbo *haver existencial* ocorrerá em maior freqüência em textos do tipo narrativo, a exemplo de:

(88) Na tarde de quinta-feira uma mulher foi abordada por dois homens numa rodovia em Maragogi. Ela foi morta pelos homens, estuprada e enterrada no quintal da própria casa. Quando o marido da mulher chegou em casa ela não estava. Então ele procurou nas ruas, nas praças e nada. Quando chegou em casa novamente ele sentiu um cheiro estranho e sangue no tapete. Quando olhou no quintal *havia* um buraco e pás ao redor do buraco. (8N29L12M)

(89) As músicas eram adoração a Deus, o lugar me passava paz e tranqüilidade, e lá não *havia* confusão e nem bebidas alcoólicas, e as pessoas eram alegres e todas me passaram em seus olhares um grande amor até mesmo sem me conhecer. (3N107L15F)

A tabela 3 nos mostra os resultados gerais para cada um dos fatores analisados:

Tabela 3: Resultados da aplicação de *ter/haver existenciais* no fator tipo textual

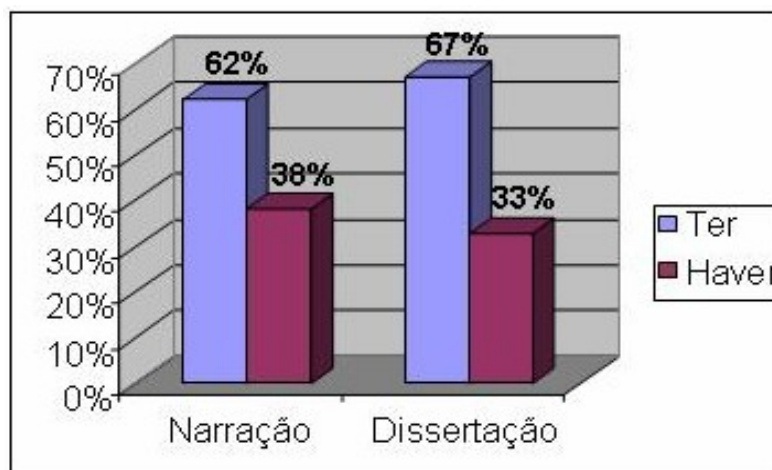
Tipo de texto	Ter existencial Aplic./Total/ Percentual	Haver existencial Aplic./Total/ Percentual
Narrativo	39 / 63 62%	24 / 63 38%
Dissertativo	30 / 45 67%	15 / 45 33%

Segundo os dados acima, do total das 108 estruturas analisadas, obtivemos 63 realizações para o fator texto narrativo, com 39 ocorrências de *ter existencial* e 24 ocorrências de *haver existencial*, e 45 realizações para o fator dissertativo, com 30 ocorrências de *ter existencial* e 15 ocorrências de *haver*

existencial.

Esses resultados nos mostram que o verbo *ter existencial* apresenta para o fator narrativo um percentual de 62% e para o fator dissertativo um percentual de 67%, enquanto que o verbo *haver existencial* apresenta para o fator narrativo um percentual de 38% e para o fator dissertativo um percentual de 33%, conforme ilustramos com o gráfico 2:

Gráfico 2: Resultados da aplicação de *ter/haver existenciais* no fator tipo textual



Embora a análise binária aponte que esses percentuais sejam não influentes na variação em estudo, é possível afirmar que nossos dados não só mostram que o verbo *ter existencial* ocorre em maior escala tanto em textos narrativos quanto em textos dissertativos, como também apontam que o fator narração apresenta um percentual maior de aplicação do verbo *haver*, com 38% versus 33% do fator dissertação.

Assim, analisando, especificamente, o uso de *haver existencial*, conforme a tabela 4 abaixo, notamos que o fator narrativo apresenta um índice de (.53), enquanto que o fator dissertativo apresenta um índice de (.46).

Tabela 4: Resultados da aplicação do verbo *haver existencial* no fator tipo textual

Tipo textual	Aplic./Total	Percentual	Peso relativo
Narrativo	24 / 63	38%	.53
Dissertativo	15 / 45	33%	.46

Esses valores probabilísticos podem ser um indício de que o verbo *haver* realmente esteja se tornando um verbo típico de narração, ocorrendo em maior escala em textos do tipo narrativo, conforme observam Callou e Avelar (2000, p. 91) quando afirmam que observações assistemáticas têm mostrado que o verbo *haver* é mais freqüente que *ter* quando o texto é de natureza narrativa.

4.2.2. Sexo

Para analisar a variável sexo, não só partimos do pressuposto de que homens e mulheres diferem quanto aos usos dos padrões lingüísticos, como também acreditamos que os alunos do sexo masculino demonstram maior preferência pelo uso da variante inovadora *ter existencial*.

Embora estudos sócio-variacionistas abordem a variável sexo como um dos fatores que condicionam a heterogeneidade e a variabilidade da língua, nossos resultados mostram que esta variável não é estatisticamente significativa no comportamento variável de *ter* e *haver* no *corpus* em estudo. Em nossa análise, obtivemos os seguintes dados:

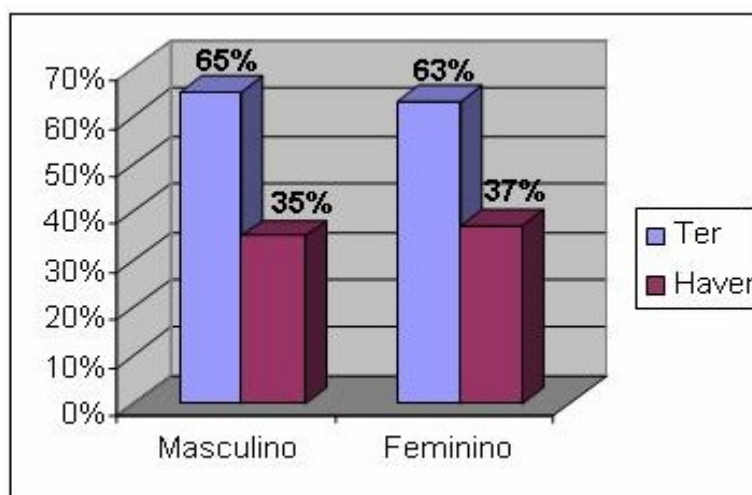
Tabela 5: Resultados da aplicação de *ter/haver existenciais* no fator sexo

Sexo	Ter existencial Aplic./Total/Percentual	Haver existencial Aplic./Total/Percentual
Masculino	32 / 49 65%	17 / 49 35%
Feminino	37 / 59 63%	22 / 59 37%

Esses resultados nos mostram que os alunos do sexo masculino aplicam o verbo *ter existencial* em 65% dos casos e o verbo *haver existencial* em 35%, enquanto que os alunos do sexo feminino usam o verbo *ter existencial* em 63% das ocorrências e o verbo *haver existencial* em 37%.

Apesar de os informantes do sexo masculino apresentarem um percentual maior de aplicação de *ter existencial*, as percentagens de ambos os fatores se mostram dentro da escala de neutralidade, indicando, dessa forma, que esta variável não influencia no uso dos verbos *ter* e *haver* com sentido de existir no *corpus* em análise.

O gráfico abaixo ilustra a pouca diferença que há no uso desses verbos no material estudado:

Gráfico 3: Resultados da aplicação de *ter/haver existenciais* no fator sexo

Callou e Avelar (2000), ao analisarem a variação *ter/haver* existenciais na fala carioca nas décadas de 70 e 90, mostram que o percentual do verbo *ter* salta de 63% nos anos 70 para 76% nos anos 90. Segundo os autores, essa mudança ocorre nos falantes do sexo masculino, entre os quais o uso *ter existencial* cresce de 47% para 74%. No entanto, nos anos 90, a frequência de uso do verbo *ter* é de 75% sem distinção de sexo.

Desse modo, analisando, especificamente, a aplicação de *ter existencial*, obtivemos um peso relativo de (.51) para o fator masculino e (.49) para o fator feminino, conforme a tabela 6.

Tabela 6: Resultados da aplicação do verbo *ter existencial* no fator sexo

Sexo	Aplic./Total	Percentual	Peso relativo
Masculino	32 / 49	65%	.51
Feminino	37 / 59	63%	.49

Como podemos observar, o peso relativo de ambos os fatores se apresenta dentro da escala de neutralidade, que para a análise binária é de (.50), indicando, dessa forma, que o comportamento variável de *ter/haver existenciais* na escrita de alunos dos ensinos fundamental e médio da cidade de Maceió ocorre sem distinção de sexo. A exemplo de:

(90) *Tinha* um outro lugar. (8N49L3M)

(91) *Há* vários outros exemplos que ocorrem no dia-a-dia. (3N75L10M)

(92) Foi uma festa muito legal, *tinha* muitas pessoas que eu gostava.
(8N56L1F)

(93) Há muito assalto aqui no estado. (3N96L4F)

4.2.3. Natureza do SN objeto

Selecionada como não influente na variação em estudo, pesquisas sociolingüísticas mostram que a natureza concreta ou abstrata do SN objeto interfere no uso dos verbos *ter* e *haver* em contextos existenciais, a exemplo de:

(94) Além de que *tinha* muitas pessoas. (3N109L6F)

(95) Quando voltei para festa *havia* muitas viaturas policiais e bombeiros. (8N43L13M)

(96) Mas *tinha* um problema. (3N106L13F)

(97) Lá não *havia* confusão e histeria. (3N112L2F)

Nosso intuito é analisar se SN objeto abstrato é mais favorável ao uso de *haver existencial* e se um SN objeto concreto é mais inibidor de tais ocorrências. Para tanto, classificamos os argumentos internos das construções analisadas em substantivos concretos e substantivos abstratos, e obtivemos os seguintes dados:

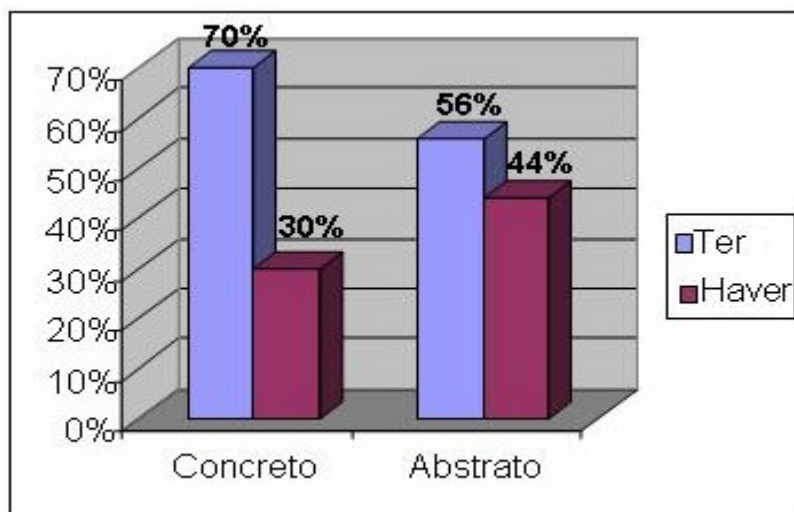
Tabela 7: Resultados da aplicação de *ter/haver existenciais* no fator natureza do SN objeto

SN objeto	Ter existencial Aplic./Total/Percentual	Haver existencial Aplic./Total/Percentual
Concreto	42 / 60 70%	18 / 60 30%
Abstrato	27 / 48 56%	21 / 48 44%

Das 108 construções analisadas, registramos 60 ocorrências com o SN objeto concreto, sendo 70% com o verbo *ter existencial* e 30% com o verbo *haver existencial*, e 48 ocorrências com o SN objeto abstrato, sendo 56% com o

verbo *ter existencial* e 44% com o verbo *haver existencial*, conforme ilustramos com o gráfico 4:

Gráfico 4: Resultados da aplicação de *ter/haver existenciais* no fator natureza do SN objeto



Esses valores percentuais apontam que tanto para o fator concreto como para o fator abstrato há mais ocorrências de construções com o verbo *ter existencial*. No entanto, o fator SN objeto concreto é mais favorável à aplicação do verbo *ter existencial* com 70% dos casos, ao passo que no fator SN objeto abstrato percebemos que a percentagem de *ter* é de 56%, aumentando, dessa forma, o uso da variante *haver existencial* de 30% no fator SN objeto concreto para 44% no fator SN objeto abstrato.

Dessa forma, analisando a aplicação do verbo *haver existencial*, conforma a tabela 8, observamos um índice de (.53) para o fator SN objeto abstrato e (.47) para o fator SN objeto concreto. O que indica que o verbo *haver existencial* é o preferível quando SN objeto apresenta o traço [+ abstrato]. A exemplo de:

(98) Nesse mesmo dia, no trânsito, *havia* uma multidão. (8N30L2M)

(99) *Há* esta liberdade de definir propositalmente um determinado dizer. (3N71L7M)

Tabela 8: Resultados da aplicação do verbo *haver existencial* no fator natureza do SN objeto

SN objeto	Aplic./Total	Percentual	Peso relativo
Concreto	18 / 60	30%	.47
Abstrato	21 / 48	44%	.53

Esses resultados corroboram os dados de Callou e Avelar (2000) e Dutra (2000) de que objetos com traço [+ abstrato] são mais favoráveis ao uso do verbo *haver existencial*, enquanto que objetos com traço [- abstrato] são mais favoráveis ao uso do verbo *ter existencial*.

4.2.4. Tema textual

Tendo em vista que o contexto social e o tema da conversa interferem no planejamento da linguagem, apresentando, assim, um discurso mais monitorado ou menos monitorado, dividimos nossa variável em dois fatores, a saber, temas relacionados a experiências pessoais dos alunos e temas não relacionados a tais experiências, a exemplo de:

(100) Estava descendo a ladeira da Catedral, não *tinha* ninguém naquele local, quando fui abordado, pensei que era um conhecido, mas enganei-me, na verdade era um assaltante. (8N87L6M)

(101) Atualmente, são discutidas maneiras de modificar a bula. Tornar mais clara e simples a sua linguagem, é, de fato, essencial, tendo em vista que a maior parte dos consumidores não possui formação e escolaridade suficiente para compreendê-la. Há também outros problemas como o tamanho das letras, que são minúsculas. (3N65L10F)

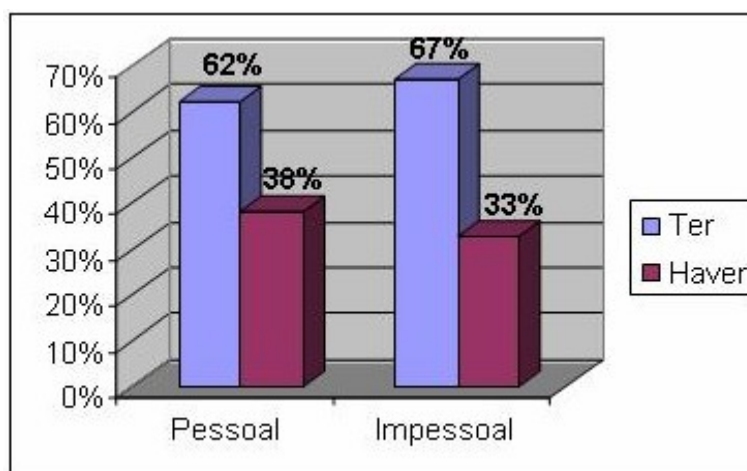
Labov (1983) considera que temas que relatam experiências vividas pelos informantes tendem a apresentar um discurso mais casual e, por isso, menos monitorado, enquanto que temas que apresentam uma maior dificuldade cognitiva tendem ao favorecimento de um discurso mais monitorado.

Dessa forma, partindo do pressuposto de que as produções textuais relacionadas a experiências pessoais dos alunos favorecem o uso da variante inovadora *ter existencial*, obtivemos os seguintes dados:

Tabela 9: Resultados da aplicação de *ter/haver existenciais* no fator tema textual

Tema do texto	Ter existencial Aplic./Total/Percentual	Haver existencial Aplic./Total/Percentual
Experiência pessoal	39 / 63 62%	24 / 63 38%
Experiência não pessoal	30 / 45 67%	15 / 45 33%

Conforme mostra a tabela 9, do total das 108 construções analisadas, observamos que o fator experiência pessoal apresenta uma percentagem de 62% para *ter existencial* e 38% para *haver existencial*, enquanto que o fator experiência não pessoal apresenta um percentual de 67% para o verbo *ter existencial* e 33% para o verbo *haver existencial*, conforme ilustramos com o gráfico 5:

Gráfico 5: Resultados da aplicação de *ter/haver existenciais* no fator tema textual

Analisando, especificamente, a aplicação do verbo *ter existencial* no *corpus* em estudo, observamos um índice de (.47) para as produções textuais relacionadas a experiências pessoais dos alunos e (.54) para as produções textuais não relacionadas a tais experiências, com percentuais de 62% contra 67%, respectivamente.

Tabela 10: Resultados da aplicação do verbo *ter existencial* no fator tema textual

Tema do texto	Aplic./Total	Percentual	Peso relativo
Experiência pessoal	39 / 63	62%	.47
Experiência não pessoal	30 / 45	67%	.54

Apesar de estatisticamente não significativos, esses resultados mostram que temas relacionados a experiências não pessoais dos alunos são mais favoráveis ao uso de *ter existencial*, contrariando, dessa forma, nossa hipótese de que tais produções favoreceriam a ocorrência da variante conservadora *haver existencial*.

4.2.5. Animacidade do SN objeto

Considerada um fator lingüístico importante em pesquisas sobre variação lingüística e, principalmente, em análises sobre o comportamento variável dos verbos *ter* e *haver* em construções existenciais, a variável animacidade do SN objeto foi o último fator descartado pelo VARBRUL como não influente na variação em estudo.

Para a análise desta variável não só classificamos os SN objetos em animado e inanimado, conforme Pottier (1963), como também partimos do pressuposto de que a variante inovadora *ter existencial* ocorrerá em maior escala quando SN objeto é animado, enquanto que SN objeto inanimado favorecerá a variante conservadora *haver existencial*, a exemplo de:

(102) *Tinha* uma mulher no ponto quando um bandido puxou a arma e levou a bolsa dela. (8N41L1F)

(103) Quando olhou no quintal *havia* um buraco e pás ao redor do buraco. (8N29L12M)

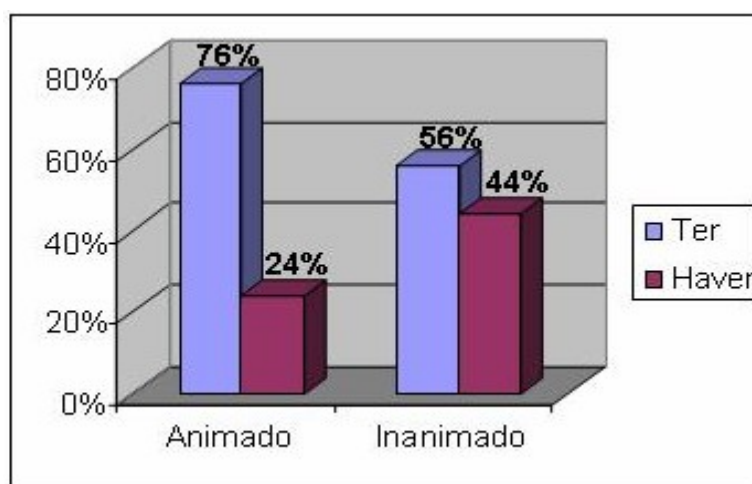
Desse modo, obtivemos os seguintes resultados para o fator animacidade do SN objeto:

Tabela 11: Resultados da aplicação de *ter/haver existenciais* no fator animacidade do SN objeto

Animacidade	Ter existencial Aplic./Total/Percentual	Haver existencial Aplic./Total/Percentual
Animado	34 / 45 76%	11 / 45 24%
Inanimado	35 / 63 56%	28 / 63 44%

De acordo com a tabela 11, observamos que o fator animado apresenta um percentual de 76% das ocorrências para o verbo *ter existencial* e 24% das ocorrências para o verbo *haver existencial*, ao passo que o fator inanimado apresenta um percentual de 56% dos casos para *ter existencial* e 44% para *haver existencial*, conforme ilustramos com o gráfico 6:

Gráfico 6: Resultados da aplicação de *ter/haver existenciais* no fator animacidade do SN objeto



Esses percentuais não só apontam que a variante *ter existencial* ocorre em maior escala tanto no fator animado quanto no fator inanimado, como também mostram que estruturas existenciais com SN objeto animado favorecem a aplicação do verbo *ter*, enquanto que estruturas com SN objeto inanimado apresenta um decréscimo no uso de tal verbo.

Analisando, especificamente, a aplicação de *ter existencial* no *corpus* em estudo, observamos um total de 69 ocorrências, das quais 76% são de SN objeto animado e 56% são de SN objeto inanimado. A tabela 12, a seguir, mostra os resultados totais para a aplicação do verbo *ter* no fator animacidade.

Tabela 12: Resultados da aplicação do verbo *ter existencial* no fator animacidade do SN objeto

Animacidade	Aplic./Total	Percentual	Peso relativo
Animado	34 / 45	76%	.61
Inanimado	35 / 63	56%	.42

Segundo os dados acima, verificamos um índice de (.61) de ocorrências de estruturas existenciais com o SN objeto animado, o que confirma a nossa hipótese de que tais sintagmas influenciam a aplicação da variante *ter existencial*, a exemplo de:

(104) Na festa *tinha* uma mulher dançarina. (8N52L3F)

(105) Além de que *tinha* muitas pessoas. (3N109L6F)

(106) *Tem* pessoas idosas que tem problemas de vista ou não sabe ler. (8N1L7M)

Esses dados corroboram as análises de Callou e Avelar (2000), Dutra (2000), Silva (2004) e Vitória (2007), nas quais a variante inovadora *ter existencial* ocorre em maior escala quando o SN objeto apresenta traço [+ animado].

4.3. Variáveis estatisticamente significativas

Conforme vimos anteriormente, apenas duas variáveis foram selecionadas pelo VARBRUL como influentes no comportamento variável dos verbos *ter* e *haver existenciais* no *corpus* em estudo, a saber, escolaridade e tempo verbal. Dessa forma, apresentamos, nesta seção, os resultados obtidos para

essas variáveis, seguindo a ordem de relevância estatística atribuída a cada uma delas. Tabelas e gráficos são usados para melhor visualização dos dados.

4.3.1. Escolaridade

A escolaridade foi o único fator social selecionado como influente na variação em estudo e a primeira variável selecionada pelo VARBRUL como estatisticamente significativa da variação *ter/haver existenciais* na escrita de alunos dos ensinos fundamental e médio da cidade de Maceió.

Para a análise desta variável, trabalhamos com os fatores ensino fundamental (representado pela 8ª série) e ensino médio (representado pela 3ª série), e partimos do pressuposto de que o acesso às normas lingüísticas determina a escolha das variantes lingüísticas, ou seja, quanto maior a escolaridade do usuário da língua, maior o uso da variante conservadora *haver existencial*.

Dessa forma, acreditamos ser o fator ensino fundamental mais favorável ao uso do verbo *ter existencial*, enquanto que o fator ensino médio será mais inibidor de tais ocorrências.

(107) *Tem* pessoas que não estudam nada. (8N17L7M)

(108) *Há* pessoas menos escolarizadas que não conseguem fazer a leitura da bula. (3N64L3F)

De acordo com a tabela 13, a seguir, observamos que a percentagem das ocorrências com o verbo *ter existencial* realizada por alunos do ensino fundamental é de 79%, enquanto que para os alunos do ensino médio é de 45%. Já

a percentagem de ocorrências de *haver existencial* é de 21% para o ensino fundamental e 55% para o ensino médio.

Tabela 13: Resultados da aplicação de *ter/haver existenciais* no fator escolaridade

Escolaridade	Ter existencial Aplic./ Total/ Percentual	Haver existencial Aplic./ Total/ Percentual
Ensino Fundamental	48 / 61 79%	13 / 61 21%
Ensino Médio	21 / 47 45%	26 / 47 55%

Esses resultados nos permitem afirmar, de imediato, que são os alunos do ensino fundamental, ou seja, os alunos com menos anos de escolarização que tendem a usar mais a variante inovadora *ter existencial*, enquanto que os alunos do ensino médio apresentam um percentual maior de ocorrência da variante conservadora *haver existencial*.

Analisando, especificamente, a aplicação de *ter existencial*, obtivemos os índices de (.67) de ocorrências de estruturas existenciais para o fator ensino fundamental e (.28) para o ensino médio, conforme ilustramos com a tabela 14. Esses valores estatísticos confirmam nossa hipótese para essa variável de que são os alunos do ensino fundamental os que fazem maior uso da variante não padrão *ter existencial*.

Tabela 14: Resultados da aplicação de *ter existencial* no fator escolaridade

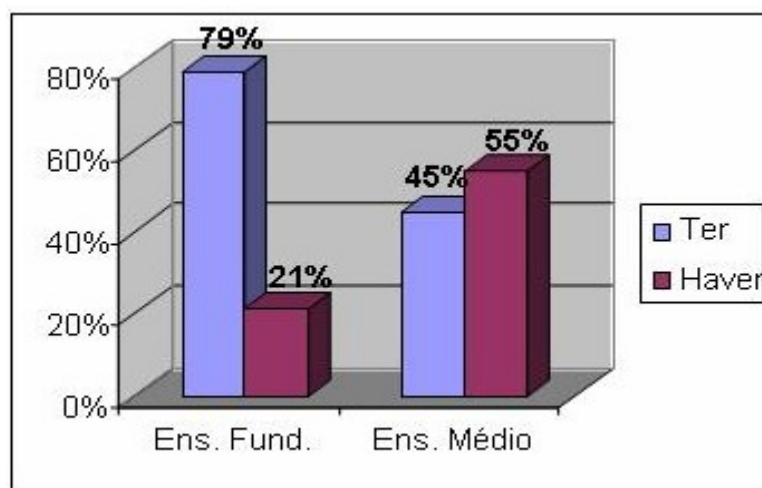
Escolaridade	Aplic./Total	Percentual	Peso relativo
Ensino fundamental	48 / 61	79%	.67
Ensino médio	21 / 47	45%	.28

O gráfico 7 ilustra os resultados apresentados acima. Neste gráfico,

observamos que o uso da variante *ter existencial* é bem elevado na escrita dos alunos do ensino fundamental - 79%, enquanto que na escrita dos alunos do ensino médio há um número maior de uso do verbo *haver existencial* - 55%.

Nesse contexto, é possível afirmar que o acesso às regras gramaticais é determinante na escolha das variantes *ter* e *haver* com sentido de existir na escrita de alunos dos ensinos fundamental e médio da cidade de Maceió.

Gráfico 7: Resultados da aplicação de *ter/haver existenciais* no fator escolaridade



Nossos resultados corroboram não só com a tese de que quanto maior a escolaridade, maior uso das formas consideradas de prestígio e quanto menor a escolaridade, menor uso da forma padrão, como também com os trabalhos de Dutra (2000) e Silva (2004), que mostram que falantes menos escolarizados são os que mais aplicam a variante *ter existencial*.

4.3.2. Tempo verbal

O tempo verbal foi o único fator lingüístico selecionado como influente na variação em estudo e a segunda variável selecionada pelo VARBRUL como

estatisticamente significativa do comportamento variável dos verbos *ter* e *haver* em contextos existenciais na escrita de alunos dos ensinos fundamental e médio da cidade de Maceió.

Para nossa análise, trabalhamos com os fatores tempo passado e tempo presente, e acreditamos que as formas verbais expressas no tempo passado são mais favoráveis à manutenção da variante *haver existencial*, não só por apresentar-se como uma forma mais marcada (SANTOS, 1999), como também por caracterizar-se como um verbo típico de narração (CALLOU; AVELAR, 2000). A exemplo de:

(109) *Havia* muitas pessoas no ponto quando um homem pegou uma arma e matou outro cara. (3N96L6F)

(110) Lá não *havia* confusão e nem bebidas alcoólicas. (3N107L15F)

Na tabela 15, estão os resultados numéricos dessa variável, cujo total, com 108 ocorrências de *ter* e *haver existenciais*, está distribuído em 55 ocorrências para o fator tempo passado e 53 ocorrências para o fator tempo presente.

Tabela 15: Resultados da aplicação de *ter/haver existenciais* no fator tempo verbal

Tempo verbal	Ter existencial Aplic./ Total/ Percentual	Haver existencial Aplic./ Total/ Percentual
Passado	31 / 55 56%	24 / 55 44%
Presente	38 / 53 72%	15 / 53 28%

De acordo com os nossos dados, observamos que o percentual de ocorrências de *ter existencial* realizado no fator passado é de 56%, enquanto que para o fator presente é de 72%. Já a percentagem de *haver existencial* é de 44% para o fator passado e 28% para o fator presente. Esses dados nos mostram que o

verbo *ter* ocorre com maior freqüência quanto o verbo é expresso com o valor de presente, a exemplo de:

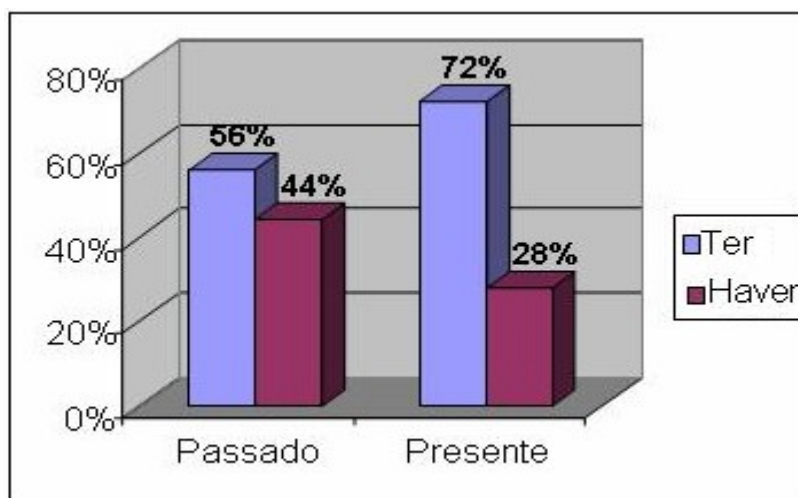
(111) *Tem* uma mulher que rouba no centro. (8N42L2F)

(112) Sinceramente não *tem* nem resposta. (8N36L4F)

(113) Em Maceió *tem* muita violência. (3N87L9M)

O gráfico 8, assim como a tabela 5, nos mostra não somente que tanto no tempo passado quanto no tempo presente há maior ocorrência do verbo *ter existencial*, como também que as ocorrências com o verbo *haver existencial* acontecem em maior escala em construções com o verbo no tempo passado, enquanto que construções com o verbo no tempo presente apresentam uma probabilidade maior de ocorrências do verbo *ter*.

Gráfico 8: Resultados da aplicação de *ter/haver existenciais* no fator tempo verbal



Dessa forma, analisando a aplicação de *ter existencial* no fator tempo verbal, obtivemos os índices de (.39) de ocorrências de estruturas existenciais para o fator passado e (.61) para o fator presente, conforme ilustramos com a tabela 16.

Tabela 16: Resultados da aplicação do verbo *ter existencial* no fator tempo verbal

Tempo verbal	Aplic./ Total	Percentual	Peso relativo
Passado	31 / 55	56%	.39
Presente	38 / 53	72%	.61

Esses valores estatísticos confirmam nossa hipótese de que o tempo expresso com valor de presente é mais favorável ao uso da forma inovadora *ter existencial*, enquanto que o tempo passado é mais inibidor. Nossos resultados corroboram com a afirmação de Callou e Avelar (2000) de que as construções no presente favorecem a ocorrência de *ter*, enquanto as no passado favorecem a de *haver*.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa teve como principal objetivo analisar o comportamento variável dos verbos *ter* e *haver* com sentido de existir na escrita de alunos dos ensinos fundamental e médio da cidade de Maceió. Por acreditarmos que tal variação, possivelmente, estivesse condicionada por restrições lingüísticas e sociais, tomamos como pressuposto teórico a Teoria da Variação Lingüística (LABOV, 1983) e usamos o pacote de programas VARBRUL, que nos forneceu a análise quantitativa dos dados.

Para a realização deste trabalho, utilizamos uma amostra sincrônica da língua escrita produzida por 40 estudantes de uma escola estadual da rede pública de ensino, localizada no conjunto Santo Eduardo no bairro do Poço em Maceió, representando um total de 160 produções textuais estratificadas de acordo com a escolaridade e o sexo dos informantes.

Assim, tomando por base os trabalhos de Cardoso (1986), Callou e Avelar (2000), Dutra (2000), Duarte (2003), Silva (2004) e Vitória (2007), que mostram que construções existenciais são normalmente formadas com o verbo *ter* e que o processo de substituição de *haver* por *ter* encontra-se em estágio avançado a depender da origem social do falante e de sua escolarização, levantamos as seguintes questões: há ocorrências dos verbos *ter* e *haver existenciais* nos textos escritos coletados para análise? Supondo que haja variação, com que freqüência esses verbos ocorrem no *corpus* em estudo? E ainda, considerando a existência de variação, que fatores lingüísticos e/ou sociais condicionam o uso de uma ou outra forma verbal?

Levando em conta que nosso objeto de estudo não é tão marcante em termos de “certo” e “errado”, pois o uso da variante *ter existencial* em lugar de

haver existencial é pouco discriminado e corrigido pelos usuários da língua, nossa hipótese foi a de que na língua escrita de alunos dos ensinos fundamental e médio também haveria a variação *ter/haver existenciais* e que o verbo *ter* ocorreria em menor escala, tendo em vista que nosso *corpus* é constituído por um discurso mais monitorado e, por isso, mais favorável ao uso da norma padrão *haver existencial*.

De fato, a partir da análise dos dados, pudemos constatar que há variação *ter* e *haver existenciais* no *corpus* analisado. No entanto, a frequência de uso de *ter* foi amplamente maior do que a de *haver* – 64% versus 36%, respectivamente. Dado que contraria nossa hipótese inicial de que, no *corpus* analisado, o verbo *ter* ocorreria em menor escala.

Para Franchi et al (1998), a distribuição dos verbos em construções existenciais mostra o privilégio das orações com *ter* sobre *haver*. Os resultados extraídos da escrita analisada também apontam para a mesma direção, indicando assim que *ter existencial* é o verbo que está sendo mais utilizado não só na língua falada, mas também na língua escrita.

Ainda com base nos resultados obtidos, verificamos que as variáveis tipo textual, sexo, natureza do SN objeto, tema textual e animacidade do SN objeto não influenciaram a variação em estudo, enquanto que as variáveis escolaridade e tempo verbal se mostraram estatisticamente significativas para o comportamento variável de *ter* e *haver*.

Para a variável tipo textual, *ter existencial* apresenta para o fator texto narrativo um percentual de 62% e para o fator texto dissertativo um percentual de 67%, enquanto que o verbo *haver existencial* apresenta para o fator narrativo um percentual de 38% e para o fator dissertativo um percentual de 33%, indicando assim serem os textos de natureza narrativa os mais favoráveis à aplicação da variante conservadora *haver*. Esses resultados corroboram nossa hipótese de que textos dissertativos são mais favoráveis ao uso do verbo *ter*.

Apesar de estudos sociolinguísticos apontarem a variável sexo como um dos fatores que condicionam a heterogeneidade e a variabilidade da língua, nossos dados mostram que para a variação em estudo esta variável apresenta-se dentro da escala de neutralidade, indicando assim que a variação *ter e haver existenciais* analisada ocorre sem distinção de sexo. Nossos números apontam que o verbo *ter* é usado em 65% pelos alunos do sexo masculino contra 63% pelos alunos do sexo feminino, enquanto que o verbo *haver* apresenta 35% para o fator masculino e 37% para o fator feminino. Embora a diferença de uso desses verbos seja insignificante, é possível perceber que são as mulheres que mais aplicam à variante conservadora *haver existencial*, dado que corrobora nossa hipótese de que informantes do sexo feminino são mais sensíveis ao uso da norma padrão.

Para a variável natureza do SN objeto, *ter existencial* apresenta para o fator SN objeto concreto um percentual de 70% e para o fator SN objeto abstrato um valor de 56%, enquanto que o verbo *haver existencial* apresenta para o SN objeto concreto um percentual de 30% e para o SN objeto abstrato um valor de 44%, indicando assim ser o SN objeto com traço [+ concreto] mais favorável ao uso da variante inovadora *ter existencial*, dados que corroboram com os trabalhos de Callou e Avelar (2000) e Dutra (2000).

Para o fator tema textual, observamos que textos relacionados a experiências pessoais dos alunos apresentam uma percentagem de 62% para *ter existencial* e 38% para *haver existencial*, enquanto que textos não relacionados a tais experiências apresentam um percentual de 67% para o verbo *ter* e 33% para o verbo *haver*. Esses resultados mostram que temas não relacionados a experiências pessoais dos alunos são mais favoráveis ao uso de *ter existencial*, contrariando nossa hipótese de que tais produções favoreceriam a variante conservadora *haver existencial*.

Considerada um fator linguístico importante em análises sobre a

variação *ter* e *haver existenciais*, a variável animacidade do SN objeto foi o último fator descartado pelo VARBRUL como não influente na variação em estudo. Nossos dados mostram que o verbo *ter* apresenta 76% dos casos para o fator animado contra 56% para o fator inanimado, enquanto que o verbo *haver* apresenta um percentual de 24% para o fator animado e 44% para o fator inanimado. Esses números nos mostram que um SN objeto animado é mais favorável ao uso do verbo *ter*, o que confirma nossa hipótese de que um SN objeto com traço [+animado] é mais favorecedor à aplicação da variante inovadora *ter existencial*.

A escolaridade foi o único fator social selecionado como influente na variação em estudo e a primeira variável selecionada pelo VARBRUL como estatisticamente significativa. Para a análise desta variável, trabalhamos com os fatores ensino fundamental e ensino médio e partimos do pressuposto de que quanto maior a escolaridade dos informantes, maior o uso da variante conservadora *haver existencial*. Assim, observamos que as percentagens das ocorrências com o verbo *ter* realizadas por alunos do ensino fundamental são de 79% contra 45% para os alunos do ensino médio. Já o percentual de *haver* é de 21% para o ensino fundamental e 55% para o ensino médio, ou seja, são os alunos do ensino fundamental os que mais usam a variante inovadora *ter existencial* com um índice de (.67) contra (.28) para os alunos do ensino médio, mostrando que são os informantes menos escolarizados que fazem maior uso do verbo *ter*. Esses dados indicam que a escolarização é realmente um fator significativo na exclusão ou manutenção das formas gramaticais, pois gera mudanças na fala e na escrita das pessoas que a freqüentam e preserva as formas consideradas prestigiadas socialmente.

O tempo verbal foi o único fator lingüístico selecionado como influente na variação em estudo e a segunda variável selecionada pelo VARBRUL como estatisticamente significativa. Para nossa análise, trabalhamos com os

tempos passado e presente, e pressupomos que formas verbais expressas no tempo passado são mais favoráveis à manutenção da variante *haver existencial*. Assim, de acordo com os nossos resultados, o percentual de *ter* para o fator passado é de 56% contra 72% para o fator presente, já o percentual de *haver* é de 44% para o fator passado e 28% para o presente. Esses números indicam que *ter existencial* apresenta um peso relativo de (.39) para o tempo passado e (.61) para o tempo presente, ou seja, o tempo presente é mais favorável ao uso da forma inovadora *ter existencial*, enquanto que o tempo passado é mais inibidor.

Embora as variáveis independentes sejam selecionadas como estatisticamente não significativas e estatisticamente significativas na variação em estudo, os resultados dessas variáveis apontam que o verbo *ter existencial* ocorre com maior frequência nos seguintes contextos: em textos do tipo dissertativo – 67%; na escrita de alunos do sexo masculino – 65%; quando o SN objeto apresenta o traço [+ concreto] – 70% e [+ animado] – 76%; quando o tema do texto não se refere a experiências pessoais dos alunos – 67%; em textos de alunos do ensino fundamental – 79% e quando o tempo verbal está no presente – 72%.

A importância de descrevermos o papel que cada variável desempenha dentro desse processo de variação é fundamental para o encaixamento dessas variantes no sistema lingüístico, pois nos permite traçar o perfil da comunidade estudada com relação ao uso variável dos verbos *ter* e *haver existenciais*, ressaltando assim suas especificações.

Foi essa descrição que procuramos fazer no decorrer de nosso estudo ao buscarmos respostas para as questões inicialmente propostas. Questões essas que geraram, ao mesmo tempo, alívio e ansiedade: alívio porque conseguimos respondê-las ao atingirmos os objetivos arrolados para este estudo e ansiedade porque sentimos que essas questões nos levavam a outras que ultrapassavam os limites desta pesquisa, fazendo de nosso trabalho apenas o começo. Um começo

que gerou mais perguntas do que respostas, um começo cheio de questionamentos e indagações.

É a necessidade de respostas que vão além dos limites deste estudo que nos faz sugerir alguns possíveis desdobramentos para a pesquisa:

a) verificar em que medida o fenômeno em estudo aparece não só na escrita de alunos dos ensinos fundamental e médio, mas também na escrita de alunos do ensino superior, de alunos de pós-graduações tanto *lato sensu* quanto *stricto sensu*, de alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), ampliando, dessa forma, nosso *corpus* e acrescentando fatores sociais como faixa etária e classe social. O que nos permitiria identificar se tal variação se apresenta como uma variável estável ou como uma mudança em progresso;

b) verificar em que medida *ter* e *haver existenciais* ocorrem na fala de crianças, tendo em vista que observações assistemáticas (AVELAR, 2005, 2006) apontam que a criança só adquire o verbo *haver* com sentido de existir durante o seu aprendizado na escola, indicando assim que *haver* já não faz mais parte do processo natural de aquisição da linguagem;

c) comparar dados da língua falada em Maceió, referentes às realizações *ter* e *haver existenciais*, numa amostra sincrônica da língua, como dados analisados por Silva (2004), que também dizem respeito à realização da variação *ter/haver existenciais*. Esse trabalho teria como intuito não só descrever o comportamento dos verbos *ter* e *haver* na fala maceioense, mas também analisar se tal variação ou mudança sofre os mesmos condicionamentos encontrados na fala pessoense (SILVA, 2004).

d) analisar, à luz da Sociolingüística Quantitativa (LABOV, 1983), a variação *ter/haver existenciais* na norma culta de Maceió ou Alagoas, tendo em vista ser o fator escolaridade a variável que mais licencia o uso da variante conservadora *haver existencial*. Esse estudo também pode ser realizado em

interface com a Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981, 1994), comparando tais dados com dados pesquisados por Dutra (2000) na cidade de Salvador, ou por Callou e Avelar (2000) na cidade do Rio de Janeiro.

Estudos desta natureza se justificam porque podem contribuir para um maior conhecimento do uso variável dos verbos *ter* e *haver existenciais* na cidade de Maceió, ou no estado de Alagoas, mostrando, dessa forma, se tal variação caminha para um processo de mudança ou se apresenta apenas como uma variação estável.

Mesmo diante desses questionamentos, consideramos bastante válida e proveitosa a pesquisa que realizamos, porque além de termos nos debruçado sobre a língua escrita, pudemos examinar uma parte da gramática do falante tal qual se manifesta no uso real da língua. E com isso, desejamos não só ter contribuído para esclarecer as restrições que se correlacionam ao processo de variação *ter/haver existenciais* na escrita de alunos dos ensinos fundamental e médio da cidade de Maceió, como também esperamos que os resultados aqui expressos, aliados a outros, possam contribuir para os estudos na área de sociolingüística e auxiliar pesquisas relacionados ao Português escrito.

REFERÊNCIAS

ALKMIM, Tânia. Sociolingüística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna C. (orgs.). *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. Vol. 1. São Paulo: Cortez, 2001.

ALMEIDA, Napoleão M. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 44. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

AVELAR, Juanito. *Gramática, competição e padrões de variação: casos com ter/haver e de/em no português brasileiro*. Disponível em: <http://www.geocities.com/gt_teor_da_gramatica/download/anpoll2005-juanito.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2005.

_____. De verbo funcional a verbo substantivo: uma hipótese para a supressão de *haver* no português brasileiro. *Letras de hoje*. Porto Alegre, v. 41, n. 1, p. 49-74, março, 2006.

BAGNO, Magno. *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz*. 12ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

BECHARA, Evanildo. *Lições de português pela análise sintática*. 12. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1983.

_____. *Gramática escolar da língua portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

BORTONI-RICARDO, Stella M. *Educação lingüística: a sociolingüística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. *Nós chegemu na escola, e agora?* sociolingüística & educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BRESCANCINI, Cláudia R. Análise de regra variável e o programa VARBRUL 2S. In: BISOL, Lêda; BRESCANCINI, Cláudia R. *Fonologia e variação: recortes do português*

brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

BRIGHT, William. As dimensões da sociolingüística. In: FONSECA, Maria S. V. da; NEVES, Moema F. (orgs). *Sociolingüística*. Rio de Janeiro: Livraria Eldorado, 1974.

BUENO, Francisco da Silveira. *A formação histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolingüística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CALLOU, D.; AVELAR, J. Sobre *ter* e *haver* em construções existenciais: variação e mudança no português do Brasil. *Gragoatá*. Niterói, n.9, p. 85-100, 2000.

_____. Estruturas com *ter* e *haver* em anúncios do século XIX. *Para uma história do português brasileiro*, vol. III. Humanitas – FFLCH/USP, p. 47-67, 2002.

CALLOU, D.; LOPES, C. Contribuições da sociolingüística para o ensino e a pesquisa: a questão da variação e mudança lingüística. *Revista do GELNE*, ano 5, n 1 e 2, p. 63-74, 2003.

CARDOSO, Suzana. *Ter/haver* no português do Brasil: mudança lingüística e ensino. *Atas do I Simpósio sobre a diversidade lingüística no Brasil*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1986, p. 223-226.

CARVALHO, Orlene. Variação lingüística e ensino: uma análise dos livros didáticos de português como segunda língua. In: BAGNO, M. *Lingüística da Norma*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

CEGALLA, Domingos P. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Nacional, 1978.

CHOMSKY, Noam. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, Mass.: The M.I.T Press, 1965.

_____. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

CHOMSKY, Noan; LASNIK, Howard. *A teoria de princípios e parâmetros*. In: JACOBS et al (eds). *Syntax*. Walter de Gruyter, Berlin-New York, 1991. Tradução: Grupo de Estudos em Sintaxe da Pós-Graduação em Letras da UFAL, 1994.

CUNHA, Celso. *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Fename, 1982.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DUARTE, Maria E. O sujeito expletivo e as construções existenciais. In: RONCARATI, C; ABRAÇADO, J. (orgs.). *Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

DUTRA, Cristiane. *Ter e haver na norma culta de Salvador*. 2000. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Bahia, 2000.

FARACO, Carlos Alberto. *Lingüística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FIORIN, José L. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Editora Ática, 1996.

FISHMAN, J. A. *The sociology of language: an interdisciplinary social science approach to language in society*. Rowley, MA: Newbury House Publ, 1972.

FRANCHI, Carlos; NEGRÃO, Esmeralda; VIOTTI, Evani. Sobre a gramática das orações impessoais com ter/haver. *Revista D.E.L.T.A.*, São Paulo, vol. 14, n. especial, p. 105-131, 1998.

GAFFIOT, F. *Dictionnaire illustré latin-français*. Paris: Hachette, 1934.

GRANDGENT, C. H. *Introducción al latim vulgar*. Madri, 1952.

GUY, Gregory R.; ZILLES, Ana. *Sociolingüística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HYMES, D. The ethnography of speaking. In: GLADWIN, T; STUTERVANT, W. C. (orgs). *Anthropology and human behavior*. Washington, 1964.

KOCH, Ingedore V.; ELIAS, Vanda M. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.

LABOV, William. *Modelos sociolingüísticos*. Madri: Ediciones Cátedra, 1983[1972].

_____. Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. In: *Sociolinguistics Working Paper*. Texas, n. 44, 1978.

_____. *Principios del cambio lingüístico*. Vol. 1. Madri: Editorial Gredos, 1996[1994].

LAVANDERA, Beatriz. Where does the sociolinguistic variable stop? In: *Language in society*, n. 7, p. 171-182, 1978.

LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002.

LOPES, Edward. *Fundamentos da lingüística contemporânea*. São Paulo: Editora Cultrix, 2003.

MARCUSCHI, Luiz A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A.; MACHADO, A.; BEZERRA, M. (org.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

MATTOS E SILVA, Rosa V. Caminhos de mudanças sintático-semânticas no português arcaico. *Caderno de Estudos Lingüísticos*. Campinas, n. 20, p. 59-74, 1991.

_____. Para uma caracterização do período arcaico do português. *Revista D.E.L.T.A.*, vol. 10, n. especial, p. 247-276, 1994.

_____. Observações sobre a variação no uso dos verbos *ser, estar, haver, ter* no galego-português ducentista. *Estudos lingüísticos e literários*, n. 19, p. 253-

285, 1997.

_____. Nos limites finais do período arcaico: a vitória de *ter* “verbo de posse” e auxiliar de tempo composto e a sua emergência como “verbo existencial”. *Revista do GELNE*, vol 2, n. 1, p. 117-121, 2000.

MOLLICA, Maria C. Relevância das variáveis não lingüísticas. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs). *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

MONTEIRO, José L. *Para compreender Labov*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

NEVES, Maria Helena M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PAIVA, Maria C. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M.; BRAGA, M. (orgs.). *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

PEZATTI, E. G. O funcionalismo em lingüística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, C. *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos*, vol. 3. São Paulo: Cortez, 2004.

PLATÃO, Francisco; FIORIN, José L. *Para entender o texto: leitura e redação*. 16. ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.

RIBEIRO, Ilza. A formação dos tempos compostos: a evolução histórica das formas *ter*, *haver* e *ser*. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary. *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. São Paulo: Editora da Unicamp, 1993.

ROCHA, A. L. et al. *Ter e haver em estruturas existenciais*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1999.

ROCHA LIMA, C. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 41. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

SACCONI, Luiz. *Nossa gramática: teoria e prática*. São Paulo: Saraiva, 2001.

SAID ALI, Manuel. *Dificuldades da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1957.

SANTOS, Maria B. *A variação da concordância verbo/sujeito na fala de alunos da 1ª a 5ª série do 1o grau, na cidade de Maceió*. Dissertação de Mestrado em Letras e Lingüística – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 1999.

SAMPAIO, Maria, L. P. *Estudo diacrônico dos verbos TER e HAVER: duas formas em concorrência*. Editora Copy Market, 1978.

SCHERRE, Maria M. P.; NARO, Anthony J. Análise quantitativa e tópicos do Varbrul. In: MOLLICA, M.; BRAGA, M. (orgs.). *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

SILVA, Rosângela. *Variação ter/haver na fala pessoense*. In: HORA, Dermeval (org). *Estudos sociolingüísticos: perfil de uma comunidade*. João Pessoa: ILAPEC, 2004.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Editora Ática, 2003.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. São Paulo: Cortez, 2003.

TERRA, Ernani. *Curso prático de gramática*. São Paulo: Scipione, 2002.

VIOTTI, Evani. Uma história sobre “ter” e “haver”. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas, n.34, p. 41-50, 1998.

VITÓRIO, Elyne G. S. L. A. Ter/haver existenciais na escrita de alunos de 5ª e 6ª séries do Ensino Fundamental da cidade de Maracanaú/CE. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. vol. 5, n. 9, 2007.

VOTRE, Sebastião. Orientações para uso do pacote VARBRUL. In: *Cadernos de pesquisas: projeto VARSUL*. Florianópolis, 1991.

_____. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, M.; BRAGA, M. (orgs.). *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo:

Contexto, 2003.

WEINER, E.; LABOV, W. Constrains on the agentless passive. *J. Linguistic*, n. 19, p. 29-58, 1983

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].